

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS

DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

MATHEUS DEMOLY SIGNORI

Conflitos de uso do espaço público na vida noturna do bairro Cidade Baixa

As percepções sobre moradores e frequentadores acerca do conflito

PORTO ALEGRE

2021

MATHEUS DEMOLY SIGNORI

Conflitos de uso do espaço público na vida noturna do bairro Cidade Baixa

As percepções sobre moradores e frequentadores acerca do conflito

Trabalho apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso para a obtenção do título de Bacharel em Geografia. Instituto de Geociências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Roberto Soares Rodrigues

PORTO ALEGRE

2021

CIP - Catalogação na Publicação

Signori, Matheus Demoly
Conflitos de uso do espaço público na vida noturna
do bairro Cidade Baixa - As percepções sobre moradores
e frequentadores acerca do conflito / Matheus Demoly
Signori. -- 2021.
52 f.
Orientador: Paulo Soares.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Geociências, Bacharelado em Geografia, Porto
Alegre, BR-RS, 2021.

1. Cidade Baixa. 2. Espaço Público. 3. Conflitos
Urbanos. 4. Vida Noturna. 5. Geografia Urbana. I.
Soares, Paulo, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).

RESUMO

A Cidade Baixa é um bairro de Porto Alegre que se desenvolveu ao longo das décadas tendo como principais características a sua boêmia e o fato desta estar atrelada à classes sociais marginalizadas na sociedade e com menor poder econômico, como os negros e imigrantes. Na atualidade, a população do bairro é mais diversa, mas a característica boêmia permaneceu, sendo esse bairro um dos grandes polos da vida noturna em Porto Alegre, com grande ocupação de seus espaços públicos e privados, como os bares. Essa situação causa desconforto nos residentes do bairro, além do bairro ser frequentemente alvo de intervenções da administração pública. Dessa forma, o presente trabalho busca investigar esse conflito entre frequentadores e moradores do bairro Cidade Baixa durante o período noturno, fazendo uma leitura um mais aprofundada sobre esse fenômeno, por meio de questionários com os grupos presentes no conflito. O que obtivemos como resultado geral foi uma melhor compreensão sobre o conflito e os principais pontos de tensão. A resposta geral foi positiva, com ambos os lados cientes do problema e dispostos a solucioná-lo, compreendo a relevância histórica e presente que o bairro tem para ambos.

Palavras-chave: Cidade Baixa; Espaço Público; Conflitos Urbanos; Vida Noturna;

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Concentração de pessoas na rua João Alfredo. Foto: Divulgação/Ministério Público do RS	9
Figura 2 - Limites do bairro Cidade Baixa. Foto: Lei Ordinária Nº 12.112, de 22 de agosto de 2016.....	12
Figura 3 - Faixa etária dos participantes. Elaboração: Matheus Signori	31
Figura 4 - Gênero dos participantes. Elaboração: Matheus Signori.....	31
Figura 5 - Tempo de residência no bairro dos moradores. Elaboração: Matheus Signori.	32
Figura 6 – Mapa de espacialização dos frequentadores. Elaboração: Matheus Signori e Alexandre Wentz.....	33
Figura 7 - frequência de utilização dos moradores à infraestrutura presente na vida noturna do bairro. Elaboração: Matheus Signori	35
Figura 8 - Locais utilizados pelos frequentadores do bairro. Elaboração: Matheus Signori.	36
Figura 9 - Periodicidade de frequência no bairro. Elaboração: Matheus Signori.....	37
Figura 10 - Identificação do bairro como local historicamente boêmio. Elaboração: Matheus Signori	38
Figura 11 - Incômodo dos moradores com os frequentadores do bairro. Elaboração: Matheus Signori.....	39
Figura 12 - Moradores que já pensaram em se mudar do bairro devido aos problemas no período noturno. Elaboração: Matheus Signori	40
Figura 13 - Principais problemas identificados pelos moradores. Elaboração: Matheus Signori	41
Figura 14 - Pontos de resolução dos problemas segundo os moradores. Elaboração: Matheus Signori.....	42
Figura 15 - Concordância dos frequentadores em relação às críticas dos moradores. Elaboração: Matheus Signori	43
Figura 16 - Quantidade de frequentadores que já se envolveram em situações de conflito com os moradores.	43
Figura 17 - Opiniões dos frequentadores acerca da existência de resolução do conflito. Elaboração: Matheus Signori.	44
Figura 18 - Categorias apontadas pelos frequentadores como resolução ao conflito. Elaboração: Matheus Signori.	45
Figura 19 - Preferência dos entrevistados a respeito do conflito segundo as três opções apresentadas. Elaboração: Matheus Signori.....	47

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
1.1 Recorte espacial.....	11
1.2 Procedimentos metodológicos.....	13
2. CIDADE BAIXA: ORIGENS E EVOLUÇÃO.....	15
2.1 A “Baixa Cidade”	16
2.2 A “Baixa Boemia”	19
2.3 Esquina Maldita.....	20
2.4 A emergência da Cidade Baixa atual.....	23
3. REFERENCIAL TEÓRICO.....	24
4. OS AGENTES E SUAS VISÕES DO CONFLITO	30
4.1 Perfil dos participantes	30
4.2 Usos e práticas do bairro entre os grupos	34
4.3 Percepções sobre o bairro.....	37
4.4 Percepções sobre o conflito.....	39
4.5 Conjugação de dados e análises.....	47
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	51
7. APÊNDICE	52
Apêndice A – Questionário para os moradores	52
Apêndice B – Questionário para os frequentadores.....	53

1. INTRODUÇÃO

O fenômeno da vida noturna é muito recente na história da humanidade. Os avanços tecnológicos, com a difusão massiva da eletricidade e da luz elétrica, proporcionaram à humanidade a possibilidade de extensão do seu período ativo para além do pôr-do-sol, noite e madrugada adentro.

Nas médias e grandes cidades, é comum, na atualidade, a existência de estabelecimentos de serviços que ficam abertos 24 horas. Armazéns, bares, serviços de atendimento ao cliente, serviços de entrega de alimentos, medicamentos e bebidas, etc.

Em meio a este cenário de novas possibilidades, a busca pelo lazer noturno tornou-se um grande negócio e parte comum da vida urbana, sobretudo nas cidades com maior população e dinamismo econômico.

À noite, momento de descanso para grande parte da população que exerce seus afazeres durante o dia, se tornou o momento ideal para realizar suas atividades de lazer, de cultura, e de reprodução da vida social.

“Cada vez mais a vida metropolitana “torna os dias infintos e sem noite”, isto porque a vida na cidade se realiza em sua multiplicidade, ininterruptamente e, de modo incansável, durante as 24 horas do dia. Além dos serviços especiais de atendimento à saúde, hospitais e pronto-socorros, os bancos fazem de madrugada a compensação dos cheques emitidos durante o dia, restaurantes, casas noturnas não fecham suas portas, há cada vez mais um número de serviços oferecidos as 24 horas do dia que vêm se somar e estes, como bancos eletrônicos, bancas de revistas e jornais (onde também se pode achar um best seller), supermercados, lojas, shoppings, frutarias, academias de ginástica, cafeterias, padarias, etc., criando inclusive pontos de encontro para notívagos, ou para jovens nos finais de semana.” (CARLOS, 2007)

A autora se refere à cidade de São Paulo, mas em Porto Alegre, metrópole com 1,4 milhões de habitantes, isso não é muito diferente.

Na atualidade, com a presença de uma grande gama de serviços comerciais relacionados ao lazer e cultura, como restaurantes, bares, casas noturnas e espaços culturais, a Cidade Baixa é conhecida por ser o principal bairro boêmio na cidade de Porto Alegre.

Isso faz com que muitas pessoas frequentem o bairro, ocupando, além dos espaços privados e internos, também os espaços públicos, o que costuma se estender até o período da madrugada e até o amanhecer.

Assim, aos frequentadores do bairro e também no imaginário coletivo da cidade de Porto Alegre, se criou um sentimento afetivo de identificação e de reconhecimento do bairro como esse local festivo de descontração, lazer e diversão.

Este é, ainda, reforçado pelo fato de no bairro ser realizado grande parte das festividades relacionadas ao carnaval na cidade, com uma grande quantidade de blocos semanais ao longo dos primeiros meses do ano.

Contudo, o período noturno é, naturalmente, o período biológico de descanso e repouso do ser humano. A Cidade Baixa não é apenas um bairro festivo e boêmio. Também é um bairro residencial. Assim, o bairro lida com o conflito constante de ser um bairro diurno e noturno, residencial e boêmio.

Em meio a esse cenário, conflitos decorrentes dos usos e ocupação dos espaços públicos no período noturno entre os usuários do bairro e os moradores são recorrentes e frequentemente noticiados nas mídias locais.

Cidade Baixa: moradores reclamam de barulho em bairro boêmio

Moradores de um dos bairros mais boêmios da capital reclamam da sujeira e do barulho durante a madrugada. São carros de som, e pessoas cantando em microfones. Em alguns dias, ruas na Cidade Baixa são bloqueadas pelos festeiros. (06/19, RECORDTV-RS)



Figura 1 - Concentração de pessoas na rua João Alfredo. Foto: Divulgação/Ministério Público do RS

A situação se agrava ainda mais em datas comemorativas ou de grandes eventos, como é o caso do Carnaval, que ocorre anualmente:

Moradores da Cidade Baixa reclamam do lixo após os blocos de Carnaval

As ruas do bairro Cidade Baixa, em Porto Alegre, amanheceram tomadas pelo lixo neste domingo, após mais um sábado em que os foliões ocuparam a região. Apesar dos blocos de carnaval terem encerrado as atividades por volta das 21h, a concentração de pessoas e a música alta que prosseguiu até as 4h30 da madrugada irritaram os moradores. (02/18, GUAÍBA)

Assim como foi durante a realização Copa do Mundo de 2014:

Moradores da Cidade Baixa reclamam do cheiro de xixi impregnado nas ruas

Os resquícios da comemoração da noite anterior ainda podiam ser percebidos na Cidade Baixa na manhã desta quinta-feira: o cheiro de urina que fica impregnado nas ruas depois da festa no bairro boêmio. O problema é recorrente, incomoda os moradores e os comerciantes há algum tempo, especialmente em eventos como o Carnaval. Mas, com a Copa do Mundo e as milhares de pessoas que vão festejar no local, eles reclamam que a situação se agravou. (06/14, GAUCHAZH)

Não tão raramente, a situação escala para um cenário de maior agressividade e briga, com a realização de intervenções policiais para dispersar o movimento:

Cidade Baixa registra conflito entre BM e frequentadores do bairro, em Porto Alegre

Objetivo da polícia era dispersar pessoas que estavam fazendo barulho e bloqueando ruas. Na confusão, lixeiras foram depredadas, mesas de bares reviradas e vidros de carros foram quebrados. Batalhão do Choque foi acionado. Conforme a BM, ninguém ficou ferido. (03/19, G1-RS)

Ainda ocorrem, muito esporadicamente, ações de crime e violência, decorrentes do tráfico de drogas, que é frequentemente apontado como um dos problemas decorrentes da ocupação dos espaços públicos do bairro durante o período noturno.

Tirroteio na Cidade Baixa deixa três mortos e três feridos em Porto Alegre

A Cidade Baixa, tradicional bairro boêmio de Porto Alegre, foi palco de um episódio de violência na madrugada deste sábado (26). Três pessoas morreram e outras três ficaram feridas após um tiroteio na rua João Alfredo. (01/19, JORNAL DO COMÉRCIO)

As necessidades dos residentes locais são compreensíveis, ao passo que também são as dos frequentadores do bairro. É possível dizer que a situação atingiu um ponto insustentável, onde ambos os lados têm saído prejudicados, já que se trata de um problema latente há anos. A inexistência de uma leitura mais clara do conflito impede a realização de um planejamento adequado pelo poder público, que deve ser o agente responsável pela administração do espaço.

Este, por sua vez, apresenta uma política ainda não muito clara, pois ao mesmo tempo que incentiva a atividade comercial no bairro, promove eventos e melhorias na sua infraestrutura também realiza operações de fechamentos de bares, bloqueio de ruas e dispersão do movimento.

Essas ações, entretanto, não têm se mostrado efetivas para uma conciliação das partes ou solução do conflito.

O espaço da Cidade Baixa precisa ser repensado, de maneira democrática e com participação da sociedade, para que se atendam aos anseios dos grupos sociais que ali coexistem. É espaço de conflito entre diferentes agentes sociais. A persistência desse conflito tem se mostrado prejudicial tanto para os residentes do bairro, quanto para os que ali frequentam, além de pressionar constantemente a administração pública para que busque soluções.

Assim, estabelecemos como **pergunta de pesquisa**: “Como se configura o conflito entre moradores e frequentadores no bairro durante o período noturno?”.

A partir dessa concepção, de que de fato há um de conflitos de interesses entre diferentes agentes na Cidade Baixa durante o período noturno, e de que se deve buscar uma resolução, nossa pesquisa tem como **objetivo geral** fazer uma leitura do conflito, a partir dos diferentes interesses entre os agentes, buscando identificar quais são os principais pontos de tensão. Para alcançar esse objetivo, inserem-se como **objetivos complementares**:

- Compreender a relação histórica de formação do bairro com o atual conflito.
- Caracterizar os agentes sociais que atuam na organização do espaço;
- Descrever as práticas destes agentes com o espaço;
- Entender suas visões e percepções sobre o conflito;
- Buscar possíveis meios de resolução;

Ainda trago como subsídio ao desenvolvimento desse trabalho a minha experiência de vida, de muitos anos como morador e frequentador do bairro. Resido no bairro há muitos anos - desde a infância até a atualidade -, e passei a frequentar o seu espaço noturno em minha juventude – em torno dos 18 anos. Já residi em locais no bairro que me foram incômodos e com perturbação do sossego, mas, possivelmente, também já participei de situações que foram incômodas aos moradores. Por isso, tenho esse trabalho como de grande interesse pessoal, além, é claro, de sua utilidade pública, e creio que a minha vivência como participante de ambos grupos – moradores e frequentadores – tenha influenciado no objetivo de buscar formas de conciliar os dois grupos, entendendo a relevância de suas práticas, visões e percepções com o espaço do bairro Cidade Baixa.

1.1 Recorte espacial

A criação, extinção, denominação e delimitação dos bairros que integram o município de Porto Alegre está disposta na Lei Ordinária Nº 12.112, de 22 de agosto

de 2016, também conhecida como Lei dos Bairros. Esta define a Cidade Baixa com os seguintes limites:

XXI - Cidade Baixa, "ponto inicial e final: encontro da Avenida Praia de Belas com Avenida Aureliano de Figueiredo Pinto; desse ponto segue pela Avenida Aureliano de Figueiredo Pinto até a Praça Garibaldi, por essa até a Avenida Venâncio Aires, por essa até a Avenida João Pessoa, por essa até a Avenida Loureiro da Silva, por essa até a Avenida Borges de Medeiros, por essa até a Avenida Praia de Belas, por essa até a Avenida Aureliano de Figueiredo Pinto, ponto inicial".



Figura 2 - Limites do bairro Cidade Baixa. Foto: Lei Ordinária Nº 12.112, de 22 de agosto de 2016.

Conforme dados da PROCEMPA tendo como fonte o Censo Demográfico de 2010, a população do bairro é de 18.450 habitantes, o que representa 1,31% da

população do município, dos quais 10,9% são crianças e adolescentes (de 0 a 18 anos de idade), 69,9% são jovens e adultos (de 19 a 59 anos de idade) e os restantes 19,2% são de idosos (60 anos ou mais).

O bairro apresenta indicadores socioeconômicos acima da média do município e da maioria dos bairros, como podemos constatar através de sua taxa de analfabetismo, que é de 0,36%, do rendimento médio dos responsáveis por domicílio, que é de 5,92 salários mínimos.

Devido à proximidade com o centro e a UFRGS, o bairro recebe muitas pessoas do interior para fins de aprendizagem. São jovens, geralmente solteiros, vivendo sozinhos em apartamentos do tipo JK ou kitnete, ou compartilhando apartamentos com outros jovens. Além disso, a presença de casais sem filhos também é frequente. O fato de possuir a menor média de moradores por domicílio da capital (1,84) enfatiza essas características. Ainda, a população idosa do bairro também é expressiva. Já a população infantil é pequena, sendo uma das menores da capital.

1.2 Procedimentos metodológicos

Como procedimentos metodológicos desta pesquisa, em primeiro lugar, foi feita uma revisão de trabalhos anteriores, dentre os quais se destacam os trabalhos de Vanessa Ressi (2013 e 2018). Suas duas dissertações abordam o processo histórico de formação do bairro e o seu cenário atual, marcado pelos seus conflitos, bem como os agentes sociais envolvidos na produção deste espaço.

Posteriormente, esta revisão se concentrou em obras de autores que se debruçam sobre o espaço urbano, como Henri Lefebvre (2006), Paulo César da Costa Gomes (2002), Milton Santos (1996 e 2014), Roberto Lobato Corrêa (2005) e Ana Fani Alessandri Carlos (2007).

São autores que trabalham com temas como a produção do espaço urbano e do espaço público comum e compartilhado, e que, através de seu pensamento e conceitos, auxiliam na compreensão das análises das dinâmicas urbanas, portanto, sendo fundamentais para analisar o fenômeno escolhido para esse trabalho.

Para alcançarmos os objetivos desse trabalho, foram aplicados questionários com respostas fechadas e abertas, sobre os quais foi feita sua respectiva análise.

Como é de se esperar, pela natureza do problema, nosso objetivo inicial era realizar os questionários no próprio local, nos principais pontos de concentração da boemia e de conflitos, diretamente com os agentes que estão envolvidos nesse processo. Assim, também seria possível observar o fenômeno em seu momento de recorrência e alguns de seus detalhes que não podem ser percebidos apenas por questionários, fazendo registros escritos e fotográficos.

Contudo, em função dos desdobramentos da pandemia de coronavírus, que, para ser controlada, necessita de medidas de distanciamento e isolamento social, com a contenção das aglomerações, esta parte metodológica do trabalho foi severamente afetada e teve de ser reformulada.

Dessa forma, os questionários tiveram de ser realizados exclusivamente por meio virtual, através da plataforma Google Forms. A aplicação dos questionários ocorreu no mês de março do ano de 2021. Os questionários encontram-se no apêndice. Através dos resultados, foram feitos gráficos usando o software Microsoft Excel e elaborado um mapa com o software QGis.

É importante salientar que, mesmo em um contexto pandêmico, a vida noturna no bairro não se encerrou. Sua intensidade diminuiu, mas ainda continua o que, inclusive, tem sido motivo de discussões e divergências.

Por isso, o questionário foi feito aos entrevistados inserindo a observação de que, caso a pessoa tenha deixado de frequentar o bairro em função da pandemia, ou que tenha diminuído significativamente sua frequência, que considere o período anterior à pandemia para responder as questões.

Isso teve de ser feito, pois se considerarmos somente o contexto atual, com as restrições decorrentes das medidas sanitárias, a análise do problema, que é o conflito, seria incompleta, uma vez que o movimento foi significativamente reduzido.

Ainda, também, é importante salientar que, em momentos de afrouxamento das bandeiras, quando o horário de funcionamento dos estabelecimentos é aumentado para períodos mais longos dentro da noite, uma parcela da população

continua a ocupar e se aglomerar nos espaços privados e públicos, em total descompasso com as medidas sanitárias que devem ser tomadas para controle da disseminação do vírus.

Sendo assim, acreditamos que, assim que o problema seja contornado, as aglomerações e a vida noturna no bairro devem voltar a existir normalmente, assim como já se verifica em países que encontram-se já com significativas parcelas de sua população imunizada. Se o tema era pertinente antes da pandemia, continuará sendo após.

Frisamos que não é o nosso objetivo e nem nossa intenção tratar o problema de forma leviana. Sabemos a gravidade da doença causada pelo Sars-Cov-2 e de todas as mortes que poderiam ter sido evitadas.

O questionário foi dividido em dois modelos diferentes: um aplicado aos moradores do bairro, e outro aos frequentadores do bairro.

2. CIDADE BAIXA: ORIGENS E EVOLUÇÃO

A Cidade Baixa consagrou sua imagem na boemia noturna da Cidade. Herdou parte de seu imaginário marginal. Margem de início de povoamento da cidade, que cresceu margeando ao rio. Margem do riacho que a inundava com as cheias do Guaíba, é bairro que cresceu margeando o muro que separara a "baixa" e a "alta" cidade, os ricos e os pobres, os expoentes e os excluídos do convívio social humano e urbano. Desenvolveu-se margeando o riozinho em zona de pobres, negros, prostitutas e "apalafitados". Teve forte importância no desenvolvimento da cidade, e sempre ficou "à margem" do desenvolvimento social, econômico, urbano, valorização e incentivos da especulação imobiliária (RESSI, 2018)

Há muitos estudos referentes à construção histórica da Cidade Baixa e de suas características "boêmias" e "festivas", de modo que, neste capítulo, nosso intuito não é de nós mesmos contarmos a história, averiguando sua veracidade e suas minúcias, mas de mostrar um pouco do processo histórico de construção, formação e ocupação da Cidade Baixa, haja visto que o atual processo de concentração da vida noturna do bairro está relacionado a esse componente histórico.

O que ocorre na atualidade está diretamente relacionado ao que ocorreu nos tempos passados. A análise do processo histórico de ocupação de Porto Alegre pode nos levar à compreensão e ao entendimento de como e por que o local é da maneira que é na atualidade, ajudando na elucidação do que ocorre.

2.1 A “Baixa Cidade”

Segundo a Prefeitura Municipal de Porto Alegre, “a cidade de Porto Alegre tem suas origens na segunda metade do século XVIII, tendo como data oficial de fundação 26 de março de 1772, com a criação da Freguesia de São Francisco do Porto dos Casais, a partir de um modesto burgo açoriano, disposto na beira da praia, às margens do Guaíba”.

Conforme Pesavento (1999), a cidade foi planejada a pedido do governador por um engenheiro militar, que traçou as principais ruas do pequeno núcleo urbano na direção Leste-Oeste, com formato paralelo e acompanhando o desenho do rio Guaíba.

Foi dividida em dois núcleos: Norte e Sul, Urbano e Rural. Nessa época, já temos as primeiras memórias do que hoje constitui-se no bairro Cidade Baixa e do seu imaginário. A região norte, urbana, passa a ser considerada o centro da cidade, onde desenvolveu-se bem o comércio.

Na região Sul, em terreno alagadiço e argiloso e com empossamento d’água e concentração de mosquitos, desenvolvem-se as plantações de produtos agrícolas para suprimento da cidade e outras atividades menos nobres, que não precisavam estar na região central. É a área rural da cidade, chamada “Baixa Cidade” (RESSI, 2013).

Pela sua localização em terrenos mais baixos, recebia águas pluviais das regiões de seu entorno, que lavavam suas encostas e empoçavam ali. Por isso, por um curto período de tempo, tornou-se lugar de despejos de lixo urbano.

Localizada às margens do rio Guaíba, pela Cidade Baixa atravessava um grande riacho, fazendo com que a região sofresse com frequentes enchentes, principalmente na Rua da Margem, que se situava ao longo ao longo deste rio, comumente conhecido como “Riachinho” (ROSA, 2014).

Pelas suas características físicas, o local passou a abrigar o que não era bem vindo na área norte. O autor complementa:

À diferença geográfica somavam-se sentidos de distinção social entre os moradores: a “cidade alta” era (ou deveria ser) o lugar dos ricos e bem nascidos; a “cidade baixa”, dos pobres e desclassificados em geral (ROSA. 2014).

Contudo, a presença de muitos córregos e pequenos riachos, somadas ao solo argiloso, propiciou a instalação de olarias e ribeiras ao longo da área. Uma destas foi a de João Batista da Silva Pereira, que prosperou em suas atividades e construiu uma notável residência na região. Pelos seus serviços, foi nomeado, em 1845, Barão de Gravataí, e sua esposa, Baronesa do Gravataí, pelo Imperador Dom Pedro II.

À época, a região ainda era em grande parte composta por mata densa e algumas ruas. Faziam parte da área, também, propriedades semi-rurais, cuja base produtiva era a mão-de-obra do escravo.

Próxima a essa região, havia uma área conhecida por “Emboscadas”. Tratava-se de lugar onde os escravos que se revoltavam contra a tirania do seu dono e fugiam, buscavam para esconderijo e onde permaneciam até partirem para pouso distante, fugindo dos capitães do mato.

Por isso, na área, muitos negros que fugiam da escravidão se situaram, formando seus quilombos. Se formou, próximo dali, o Quilombo do Arreal, que atualmente está localizado na rua Baronesa do Gravataí.

Em que pesa, há, na cidade baixa, muitas reminiscências desse período, ou rugosidades, como conceitualiza Milton Santos, em que se destacam, além desse quilombo, outros quilombos próximos, como o Quilombo Família Fidélis e a Travessa dos Venezianos, que não é propriamente um quilombo, mas serviu de local de refúgio para os negros que foram escravizados.

Por isso, também, a área que hoje é a Cidade Baixa possui várias nomenclaturas associadas ao espaço, como Arraial da Baronesa, Emboscadas e Ilhota. Estes, estão relacionados à sua história, assim como o próprio nome “Cidade Baixa”, que assinala, além das suas terras baixas, o nível socioeconômico mais

modesto de seus moradores originários. Tais nomes são frequentemente encontrados em nomes de projetos, eventos, estabelecimentos, etc.

Na segunda metade do século XIX, o local já compreendia um número maior de ruas, que foram abertas em função da necessidade de proprietários de pequenas chácaras, de escoar alimentos até o centro da cidade.

Em 1879, depois de um incêndio em sua propriedade, a Baronesa do Gravataí loteou e vendeu suas terras. Com a abolição da escravidão, em 1888, estas passaram a ser habitadas por negros libertos, além de famílias de imigrantes italianos, que se alocaram na região.

“Entre o final do século XIX e as primeiras décadas do XX, os negros estavam fortemente associados a dois bairros da cidade: Colônia Africana e Cidade Baixa. De um modo geral, estes locais ficaram conhecidos pela falta de melhorias urbanas, pelo oferecimento de moradias baratas e principalmente por concentrar os negros e os pobres em geral.” (ROSA, 2014)

Segundo o autor, “a necessidade de deslocamento e o aumento da demanda por moradia pareciam ser um dos fatores explicativos para o assentamento e convivência de africanos, imigrantes e brasileiros em comunidades pobres como Cidade Baixa e colônias africanas, principalmente em habitações coletivas”.

Em 1884, a região das Emboscadas já era um sítio povoado, havendo um trecho extenso de edificação. Ainda que “insalubre” e alagadiço, muita gente pobre, incluindo escravos fugidos e libertos, morava no bairro.

Ainda que a escravidão tenha sido abolida, não foram oferecidas pelo poder público condições que permitissem o desenvolvimento social e econômico dos libertos. Sem renda, os escravos recém-libertos não tinham condições financeiras para comprar terrenos na área valorizada e urbanizada. Por isso, firmaram residência na região, que, ao final do século XIX, já estava praticamente toda loteada e com o seu traçado atual.

A precária infraestrutura do local e a presença de negros e pobres no local passou a ser representada, aos olhos dos jornalistas, administradores municipais e autoridades policiais como espaços sujos e emissores de miasmas pestíferos.

Conforme afirma Rosa:

Espaços como aqueles eram preocupantes não apenas porque eram “insalubres”; eram também taxados de “perigosos”, pois reconhecidos como regiões de exercício de autonomia por parte de cativos fugidos, escravos de ganho e libertos que já não suportavam, já não queriam ou já não precisavam viver sobre o teto dos senhores ou patrões (ROSA, 2014)

A respeito disso, Ressi aponta:

“Estes dois lugares eram estigmatizados por serem bairros predominantemente habitados por negros, o que os tornava potencialmente mais perigosos aos olhos da sociedade e, por consequência, dos periódicos.” (RESSI, 2013)

2.2 A “Baixa Boemia”

Já no século XX, com a crescente expansão da área urbana e da população, o ambiente boêmio se expandiu na cidade. Assim como os aspectos socioeconômicos passaram cada vez mais a se materializarem no espaço, com distinções entre as áreas mais desenvolvidas e as áreas menos desenvolvidas, também se evidenciou uma clara distinção entre a área da “Alta Boemia” e a área da “Baixa Boemia”. Junto à “baixa população”, desenvolveu-se uma “Baixa Boemia”. A “Alta Boemia” se instalou na “Alta Cidade”, junto à “alta sociedade”.

Na Cidade Baixa, a “Baixa Boemia” era estigmatizada por jornais, administradores públicos e pelo discurso público em geral, o qual se tornou uma forma de justificar intervenções policiais no local.

Pesavento (1999), ao se referir sobre a Cidade Baixa, afirma que “compôs, ao longo dos anos 20 e 30, um reduto de boemia das camadas baixas da população, sempre sujeito às investidas da polícia e palco de desordens e de crimes”.

Segundo Ressi (2018), na década de 40, a boemia da Cidade Baixa ganha um novo componente, quando, “em busca de espaço para tocar e exercer o prazeroso ofício que lhes garantia “fidelidade” quase “religiosa” na boemia, os músicos acabaram por montar seus próprios bares. Por não disporem de muita condição econômica para investimento, acabaram por procurar zona barata para instalar seus pontos noturnos, em busca de público para mantê-los operantes. Assim, começaram a buscar espaço nos lugares menos nobres, mas que também

contavam com público para a boemia. O espaço encontrado para a instauração de seus serviços teria sido o sítio mais fértil à prática desejada: era a Cidade Baixa.

O bairro tornou-se, à época, uma vitrine de bons músicos, que sobreviveram pela prática de seus serviços em pequenos botecos, bares, ou pequenas casas de shows - casas implantadas por eles mesmos ou nas quais prestavam serviço. A partir desse movimento, a Cidade Baixa passou a ter entre suas características o destaque pela comunidade musical, geralmente, ao ambiente cultural que foge dos padrões comerciais, dos modismos e que está fora da mídia.

Com base na sua história, sobretudo à grande presença da comunidade negra no bairro, a Cidade Baixa também desenvolveu, ao longo da história, marcante presença de espaços culturais e de reprodução da cultura, manifestada através dos batuques, das danças, ritmos e festas organizadas pelos segmentos negros da população, que também contribuíram para a caracterização do bairro como local boêmio, de lazer, do encontro público.

Já na década de 60, Ressi (2013) diz que “Centro e Cidade Baixa ofertavam espaços de lazer com o tradicional conceito de boêmia: apresentando espaços introspectivos, com músicas melancólicas, tocadas com instrumental, ao vivo, e com renomados músicos locais. Era o “período histórico” dos bares com música ao vivo da capital gaúcha, as casas noturnas tinham um papel importante na vida da cidade: eram templos culturais, com muita bebida, comida, conversas e risadas”.

2.3 Esquina Maldita

Com a instauração da Ditadura Militar, em 1964, o discurso público de ordem e a repressão policial acabaram por conter o ambiente boêmio na cidade, sobretudo da “Baixa Boemia”. Nesse período, os movimentos estudantis, em grande parte composto por jovens, foram protagonistas na luta contra o regime e em prol das liberdades políticas e de expressão.

Os movimentos e estudantis e da juventude, fortalecidos pelos ideais revolucionários, passaram a ocupar os espaços públicos, buscando o reconhecimento e fortalecimento de suas demandas e de seus direitos. Contudo, a

ditadura impôs muitas limitações às ações no espaço público. Assim, esses movimentos encontraram na universidade seu principal espaço de organização, tornando o espaço universitário locais com grande concentração de militantes.

Entre a divisa da Cidade Baixa com o Bom Fim e o Centro, está situada a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a UFRGS. Atualmente, a instituição está dividida em cinco campi, quatro localizados em Porto Alegre (Centro, Vale, Saúde e Olímpico) e um em Tramandaí. À época, existiam somente o Campus do Centro e o Campus da Saúde, sendo a sede da instituição e sua biblioteca central localizados no Campus Centro, o que permanece até os dias de hoje.

Conforme aponta Ressi (2013), “a juventude mais engajada, esclarecida e mobilizada encontrava-se neste campo, na maioria dos casos, em Universidades Federais. Dali saíam as grandes manifestações, conspirações, enfrentamentos. Por isso seus campi eram tão visados pelo controle policial”.

Para buscar refúgio, o movimento passou a se encontrar nos bares, locais informais e de lazer, fazendo destes, locais de discussão política, filosófica e resistência cultural ao regime vigente, além de espaço para a organização de suas ações ao enfrentamento da ditadura. Nesse período, um local específico, denominado Esquina Maldita, concentrou boa parte da vida pública e da boemia no bairro, com presença marcante dos jovens e estudantes.

Pela sua localização privilegiada, ao entorno da universidade, encontrava-se uma grande concentração de bares, em que se destacava uma localização específica, que concentrava alguns bares muito frequentados pelos estudantes e professores, denominado de Esquina Maldita “pela frequência e continuidade das ações juvenis, aliadas à forte e violenta repressão impressa pelos militares, no local” (RESSI, 2013).

Apesar da repressão, a Esquina Maldita se tornou notório como local de encontro e de reprodução da vida social durante o período noturno. Além disso, próximo ao local, nas imediações do Bom Fim, que contava com uma grande densidade de bares, incluindo também boates e casas noturnas, a concentração de bares acentuou a existência da vida boemia no local.

Os últimos anos da ditadura ficaram marcados, além da grande repressão, pela forte luta pelas liberdades política e de expressão, com grande fortalecimento da cena cultural.

Com o fim do regime, toda aquela potência artística reprimida se manifestou, tornando o período de transição para o regime democrático um período de grande efervescência cultural. Nesse mesmo período, a Esquina Maldita perdeu sua relevância, sobretudo devido à criação do Campus do Vale, com o intuito de desmobilizar a atividade cultural na região central da cidade.

Em meio à este cenário, o Bom Fim e a Cidade Baixa iniciam um novo point de bares, absorvendo o público “órfão” da Esquina, que busca novos espaços para a vivência do lazer noturno. (RESSI, 2013). Contudo, o desenvolvimento da boemia nesses dois espaços foi diferente, em função de suas características pré-estabelecidas.

O Bom Fim, que já possuía uma significativa quantidade de bares, boates e casa noturnas, incluindo algumas consideradas mais ousadas à época, como casas destinadas ao público homossexual, despontou como um grande palco da vida noturna e da boemia, com marcado exercício da sexualidade e do consumo de drogas. Já a Cidade Baixa ficou marcada por uma cena artística mais reservada, intelectual, recebendo boa parte dos militantes pelo fim da ditadura e pelos direitos civis promovendo ações culturais.

Nessa época, diversos grupos musicais de renome surgiram nesses dois bairros. No Bom Fim, emergiu uma forte cena musical com predomínio do *rock'n'roll*, enquanto na Cidade Baixa, principalmente da música popular brasileira.

Contudo, no Bom Fim, onde a concentração noturna era bem mais intensa do que na Cidade Baixa, “iniciou-se uma intensa ocupação dos espaços públicos com desordens, que alteram a imagem local.” [...] O sentimento em relação ao espaço é modificado e a juventude liberta-se nesse espaço, cometendo alguns excessos, provavelmente nos ajustes às posturas, antes muito contidas devido à supervisão policial”. (RESSI, 2013). Sobre isso, a autora menciona o seguinte:

“Grupos ocupam a região, em territórios bem definidos e invioláveis. Desacordos territoriais implicam em rixas, brigas e violência. Bebidas, drogas, vestimentas características dos movimentos envolvidos: metaleiros, punks, neo-punks, neonazistas dividem espaços que se estendem do Bom Fim aos arredores da Avenida Cristóvão Colombo.” (RESSI, 2013)

2.4 A emergência da Cidade Baixa atual

Motivados pelo início do fechamento de bares, pela violência, medo e perigo instaurados no local, o que acabou afastando seus frequentadores, ocorre uma grande migração do público do Bom Fim à Cidade Baixa. A respeito disso, Mendonça complementa:

“A partir dos anos 90 observou-se uma imensa migração para a Cidade Baixa, bairro já com uma certa tradição boêmia. Tendo a presença do Guion (cinemas e bares) e do Opinião (casa de shows) como macro-atratores, ocorreu uma proliferação de bares alternativos e junto com estes de ‘pessoas alternativas’, que abandonam um pouco a política para assistir a filmes cult, beber e filosofar”. (MENDONÇA, 2004).

Durante esse período, sobretudo na virada do século, a Cidade Baixa passou por um super adensamento de bares, consolidando, o bairro como notório local de experiências noturnas em espaços abertos ou fechados, para vivência de ações de caráter íntimo, privado, no espaço público ou privado comercial, no encontro de desconhecidos.

Segundo Vanessa Ressi (2013), até 1999, na Cidade Baixa, haviam aproximadamente, 30 espaços de lazer noturno, incluindo restaurantes, cinemas, bares e outras formas de entretenimento. Em 2006, apenas 7 depois, chegaram ao total de 161 espaços abertos.

Sobre esse processo, Ressi afirma:

“O território da Cidade Baixa transforma-se de arena cultural em praça para as mais variadas formas do fazer social, com diversas motivações – inclusive de manifestos e resistências – como se dava no primeiro período de desenvolvimento dos espaços de lazer pela defesa de todas as formas de sexualidade, com pedidos de aceitação e respeito, mas nem sempre praticadas com estes atributos.” (RESSI, 2013)

Esse intenso desenvolvimento implicou em questões de readaptação de usos dos edifícios, assim como a recepção destes lugares a uma nova dinâmica no espaço aberto e a impactos decorrentes desta ação. Problemas como barulho, falta de segurança, venda e consumo de drogas se tornaram comuns em algumas regiões do bairro, principalmente à noite.

Dessa forma, o bairro, que tem o encontro público e a boemia noturna como características históricas, mas muito intensificadas nos anos recentes, encontra-se,

na atualidade, com um manifestado conflito entre os seus frequentadores e os seus moradores.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

O estudo do que ocorre no espaço urbano, seus fenômenos, formas e conteúdo, é um dos campos de análise da geografia, mais especificamente da geografia urbana. Portanto, trabalharemos principalmente com obras que se inserem dentro desta problemática.

Inicialmente, vamos fazer uma breve conceitualização sobre o que é o espaço urbano. O termo espaço urbano é uma derivação de espaço. É o espaço que se localiza em área urbana. Mas o que é o espaço? A respeito disso, temos uma grande variedade bibliográfica para utilizar, uma vez que este é um dos principais paradigmas da geografia.

Nosso ponto de partida, bem como o ponto de partida de vários geógrafos engajados no trabalho sobre esse conceito, é a obra de Henri Lefebvre, *A produção do espaço* (1974). Um dos fundamentos deste trabalho é afirmar que o espaço social é o produto das relações sociais de produção e reprodução e, ao mesmo tempo, as sustenta. Para Lefebvre (1974) “o espaço (social) é um produto (social)”

Este espaço contém as relações sociais e não pode ser reduzido a um espaço físico, este é o espaço da vida social. Sua base é o espaço físico, e os seres humanos mudam com seu trabalho. Lefebvre afirmava que a natureza não produz, mas cria. Somente as pessoas podem produzir, por meio do trabalho.

A respeito disso, Milton Santos afirma:

“Não há produção que não seja produção do espaço, não há produção do espaço que se dê sem o trabalho. Viver, para o homem, é produzir espaço. Como o homem não vive sem trabalho, o processo de vida é um processo de criação do espaço geográfico. A forma de vida do homem é o processo de criação do espaço” (SANTOS, 1996).

O espaço social de Lefebvre é caracterizado por duas formas de relacionamento pelas quais o ser humano interage e modifica o espaço físico:

“1) as relações sociais de reprodução, isto é, as relações bio-psicológicas entre os sexos e entre os grupos etários, junto com a organização específica da família e

2) as relações de produção, ou seja, a divisão do trabalho e sua organização na forma de funções sociais hierárquicas.”

O pensador também sugere que a produção do espaço ocorre a partir de três elementos, o qual ele chama de teoria da triplicidade do espaço. Para o autor, o espaço urbano pode ser compreendido através de três recortes:

a) A **prática espacial** - o espaço percebido pelos indivíduos

b) As **representações do espaço** - o espaço concebido por cientistas, engenheiros, planejadores, etc.

c) Os **espaços de representação** - o espaço diretamente vivido pelos indivíduos.

Conforme o autor, essa triplicidade estabelece uma relação dialética entre o que é percebido, o que é concebido e o que é vivido. Sobre esses conceitos, Lefebvre apresenta as seguintes definições:

A prática espacial:

“associa estreitamente, a realidade cotidiana (o emprego do tempo) e a realidade urbana (os percursos e redes ligando os lugares do trabalho, da vida “privada”, dos lazeres). Associação surpreendente, pois ela inclui em si {pressupõe} a separação exacerbada entre esses lugares que ela religa. A competência e a performance espaciais próprias a cada membro dessa sociedade só se examinam empiricamente. A prática espacial “moderna” se define, portanto, pela vida cotidiana de um habitante de HLM no subúrbio, caso-limite e significativo; o que não autoriza negligenciar as auto-estradas e a aero-política. Uma prática espacial deve possuir uma certa coesão, o que não quer dizer uma coerência (intelectualmente elaborada: concebida e lógica).”

As representações do espaço:

“o espaço concebido, aquele dos cientistas, dos planejadores, dos urbanistas, dos tecnocratas “retalhadores” e “agenciadores”, de certos artistas próximos da cientificidade, identificando o vivido e o percebido ao concebido (o que perpetua as sábias especulações sobre os Números: o número de ouro, os módulos e “canhões”). É o espaço dominante numa sociedade (um modo de produção). As concepções do espaço tenderiam (com algumas reservas sobre as quais será preciso retornar) para um sistema de signos verbais, portanto, elaborados intelectualmente.”

Os espaços de representação:

“o espaço vivido através das imagens e símbolos que o acompanham, portanto, espaço dos “habitantes”, dos “usuários”, mas também de certos artistas e talvez dos que descrevem e acreditam somente descrever: os escritores, os filósofos. Trata-se do espaço dominado, portanto, suportado, que a imaginação tenta modificar e apropriar. De modo que esses espaços de representação tenderiam (feitas as mesmas reservas precedentes) para sistemas mais ou menos coerentes de símbolos e signos não verbais.”

Lefebvre não era um geógrafo por ofício, mas um filósofo. A partir de sua obra, surgiram muitas derivações do conceito de espaço, contribuições e complementos ao mesmo. Os geógrafos colocaram sobre o espaço social a sua ótica própria, propondo o conceito de espaço geográfico.

Milton Santos trouxe o seu entendimento sobre a teoria da geografia espacial em "A Natureza do Espaço" (1996), incluindo os elementos propostos por Lefebvre, mas não se limitando a este.

Segundo o Milton Santos, o espaço geográfico é

“formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá.” (SANTOS, 1996)

Milton Santos traz uma complexa e completa teoria para compreensão do espaço. Contudo, de sua obra, o que procuramos utilizar como principal referencial para essa pesquisa são seus conceitos de horizontalidades e verticalidades. De acordo com o autor:

"As verticalidades são vetores de uma racionalidade superior e do discurso pragmático dos setores hegemônicos, criando um cotidiano obediente e disciplinado. As horizontalidades são tanto o lugar da finalidade imposta de fora, de longe e de cima, quanto o da contrafinalidade, localmente gerada. Elas são o teatro de um cotidiano conforme, mas não obrigatoriamente conformista, e, simultaneamente, o lugar da cegueira e da descoberta, da complacência e da revolta." (SANTOS, 2006)

Aplicando os conceitos ao nosso objeto de estudo, podemos analisar e supor que as suas formas presentes também se relacionam com o passado, o que manifesta a necessidade de entendermos como esse espaço se construiu historicamente.

No caso de nossa pesquisa, através da análise do desenvolvimento histórico da Cidade Baixa, é possível compreender como o bairro, que teve suas vivências

noturnas ampliadas no período recente, teve estas aliadas à memória do local - historicamente relacionado à pessoas excluídas socioeconomicamente.

Desta forma, podemos afirmar que o espaço, seus agentes e suas práticas tem causalidades anteriores, e que estas são as condicionantes das novas formas de organização e práticas que ali se assentarão, reconfigurando-no. Assim, temos que o espaço urbano é produzido por uma série de agentes e uma sucessão de suas práticas no tempo.

A respeito disso, destacamos o seguinte trecho de RESSI:

A antiga Baixa Cidade, consagrada por atividades e vivências semelhantes às narradas, é evocada na permanência e vivência destas práticas, tornando-se perceptível por seus frequentadores num nível inconsciente, que retoma o espaço por suas ações antigas e contemporâneas à vivência de seu fruídos, agregando ao atual bairro Cidade Baixa o valor histórico, simbólico e imagético, reforçado pelas memórias locais, no campo do imaginário. (RESSI, 2013)

A teoria de triplicidade do espaço, de Henri Lefebvre, e às horizontalidades e verticalidades, de Milton Santos, elucidam a existência de divergências na produção e na reprodução do espaço. É muito diversificado e determinado por uma série de fatores, ligados aos aspectos sociais, culturais e econômicos.

Ao congregarem uma diversidade de usos e de públicos, as cidades passam a enfrentar um obstáculo à convivência harmônica em seu território: a divergência entre os diferentes grupos de usuários. Assim, a coexistência de diferentes grupos, o embate entre as diferentes práticas, representações e vivências do espaço, para citar a teoria de Lefebvre, pode implicar em conflitos que dificultam ou favorecem a convivência entre os grupos de usuários e seus bairros.

O espaço urbano é um espaço de disputa e de diferentes usos, onde interesses da sociedade entram em conflito. A produção e a configuração do espaço urbano ocorre, dessa maneira, por meio da atuação de diferentes grupos da sociedade - agentes sociais - e das relações que estabelecem.

Corrêa (2005) afirma que: “[...] o espaço urbano é fragmentado e articulado, reflexo e condição social, e campo simbólico e de lutas”.

Conforme sugere Gomes, nos mais diversos e distantes locais da terra, no espaço urbano, há um componente comum e essencial: uma dinâmica espacial, que possui, por sua vez, um elemento estrutural nestes fenômenos: a disputa territorial.

“Onde há vida pública, há discussão e conflitos, que, de uma forma ou de outra, traduzem-se em uma disputa territorial. (GOMES, 2002)”

Dessa forma, a produção ativa do espaço urbano é marcada pelo conflito. Não se estrutura ao acaso, mas por meio do conflito, é resultado deste conflito, o qual é motivado pelos interesses dos diferentes agentes. A produção do espaço urbano é resultado de um complexo jogo de interesses entre seus agentes e produtores.

Segundo Gomes, para a compreensão dos fenômenos e das disputas urbanas, podem ser empregados dois conceitos: o nomoespaço e o genoespaço. Estes, são modelos teóricos que buscam explicar as maneiras que as sociedades se relacionam com o espaço, e, assim, reconfiguram-no.

O nomoespaço

“é uma extensão física, limitada, instituída e regida por lei. Trata-se de um espaço definido por uma associação de indivíduos, unidos pelos laços de interesses comuns e próprios, e pela aceitação e aplicação de certos princípios logicamente justificados. A sua adesão é voluntária, sendo um espaço inclusivo, desde que obedeam à ordem. Marcado por relações formais, é uma espécie de pacto social contratual”. (GOMES, 2002)

Já o genoespaço

“é marcado por uma identidade comunitária comum e própria, com o sentimento de pertencimento, uma sensação de natureza compartilhada, de unidade plural, que possibilita e dá forma e consistência à própria existência. É caracterizado por relações informais, de solidariedade baseadas em uma pretensa homogeneidade e sentimento de coesão. Objeto de uma disputa pela afirmação de um poder hegemônico de uma comunidade que se julga pela força, tradição ou história, mais apta a controlar um território ou simplesmente proclamar, por razões diversas, que está destinada a fazê-lo”. (GOMES, 2002)

Através do genoespaço e do nomoespaço, é possível fazer uma relação paralela com diferentes agentes envolvidos, suas relações com o espaço e os seus usos.

O pensamento de Gomes se soma ao de Lefebvre e Santos, reforçando ainda mais a existência de divergências na reprodução do espaço. Por meio do paradigma de Gomes, tentaremos analisar como o recente e acelerado movimento

de ocupação e intensificação das práticas noturnas e de espaços de lazer no bairro perturbaram a ordem local até então estabelecida, gerando insatisfação e resistência dos moradores. Contudo, não há como se dissociar desse processo as características históricas de desenvolvimento do local, sempre marcados pela existência de práticas noturnas e de espaços de lazer.

Gomes também trabalha com a noção de espaço público, um paradigma que é utilizado na compreensão de nosso objeto de pesquisa, uma vez que grande parte do conflito ocorre nessa dimensão territorial.

Sobre essa definição, Gomes traz o seguinte apontamento:

“Em primeiro lugar, a forma negativa de definição largamente utilizada, ou seja, é público aquilo que não é privado, não parece ser muito apropriada. [...] Fisicamente, o espaço público é, antes de mais nada, o lugar, praça, rua, shopping, praia, qualquer tipo de espaço, onde não haja obstáculos à possibilidade de acesso e participação de qualquer tipo de pessoa. [...] Ele também é um lugar de conflitos, de problematização da vida social, mas sobretudo é o terreno onde esses problemas são assinalados e significados.” (GOMES, 2002)

Para o autor, o “olhar geográfico sobre o espaço público deve considerar, por um lado, sua configuração física e, por outro, o tipo de práticas e dinâmicas sociais que aí se desenvolvem.” (GOMES 2002).

A configuração física do bairro, a disposição de suas coisas, é uma só, e esta define, em grande parte, as práticas espaciais, as quais, conforme já mencionamos, são divergentes e conflituosas. Contudo, vivemos em uma sociedade ocidental democrática, onde um dos valores que norteiam a nossa existência e a convivência é o de cidadania, onde as diferenças, quaisquer que sejam, devem se submeter às regras da civilidade. Divergências são comuns, recorrentes e normais num mundo tão diverso, mas sobre as diversidades e diferenças, deve-se obedecer as leis e os seus limites. Nos espaços públicos, aplica-se o mesmo princípio.

Sobre esse ponto, Gomes discute a relação do conceito de cidadania com espaços públicos, mostrando que a existência dos espaços públicos e a sua ocupação é necessária para que a cidadania seja efetivamente plena numa sociedade. Em relação a isso, o autor associa a contínua privatização dos espaços públicos com a diminuição da participação e visibilidade dos cidadãos na sociedade.

Portanto, entendemos que a leitura do conflito e a busca por soluções é também um exercício de cidadania, na medida em que não concordamos com a total ausência de ocupação dos espaços públicos no bairro, mas que também deve-se achar uma forma de melhor ocupá-lo. Dessa maneira, Gomes se apresenta como nosso principal aporte teórico, através de seus modelos teóricos de compreensão das relações da sociedade com o espaço, o nomoespaço e o genoespço, e a noção de cidadania nos espaços públicos.

4. OS AGENTES E SUAS VISÕES DO CONFLITO

Nesse capítulo, serão expostos os resultados dos questionários e feitas suas respectivas análises. Através disso, buscaremos responder a nossa pergunta de pesquisa e realizar os objetivos que foram propostos.

4.1 Perfil dos participantes

Vamos começar caracterizando os agentes, que foram previamente divididos entre moradores do bairro e frequentadores, em seus aspectos demográfico. O questionário, aplicado no mês de março de 2021, foi realizado por 242 pessoas. Destas, 135 (55,8%) são frequentadores do bairro, enquanto 107 (44,2%) são moradores do bairro.

Analisando as faixas etárias dos dois grupos, verificamos que, entre os moradores, há predomínio da faixa etária dos 30 aos 39 anos, mas todos grupos etários estão bem representados. Já entre os frequentadores, verificamos que houve amplo predomínio da faixa etária dos 20 aos 29 anos, indicando a composição de um público mais jovem e mais homogêneo do que em relação aos moradores

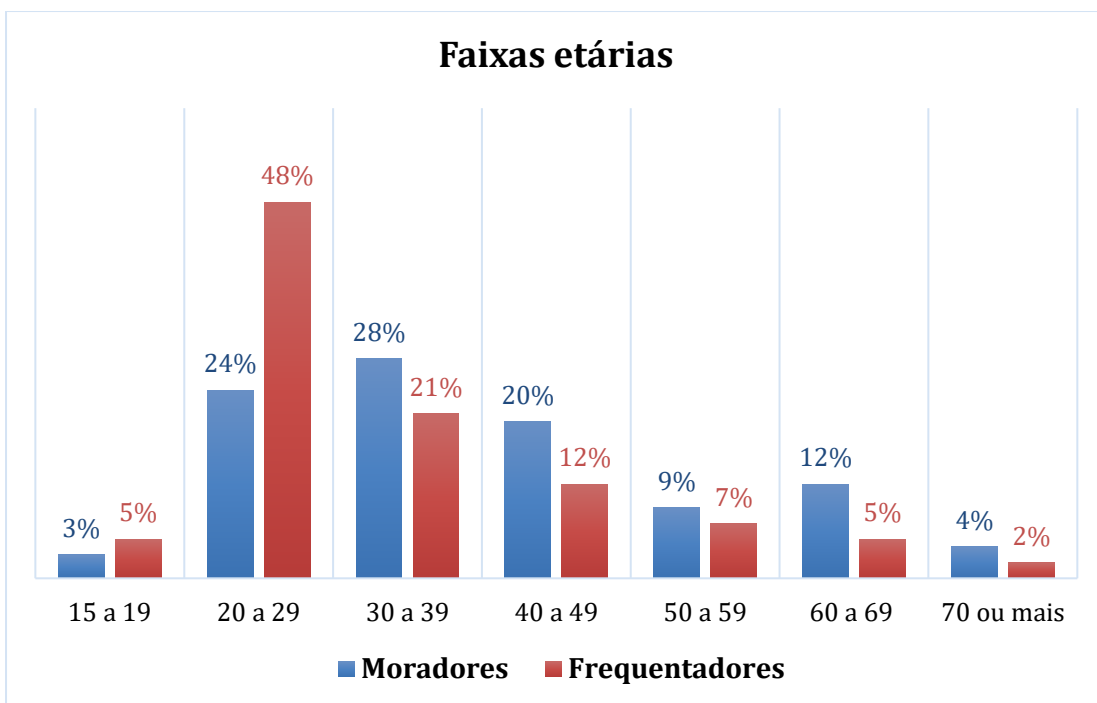


Figura 3 - Faixa etária dos participantes. Elaboração: Matheus Signori

Quanto ao gênero dos participantes, entre os moradores, o gênero predominante foi feminino, enquanto entre os frequentadores observou-se maior equivalência nos gêneros, com quase pleno equilíbrio.

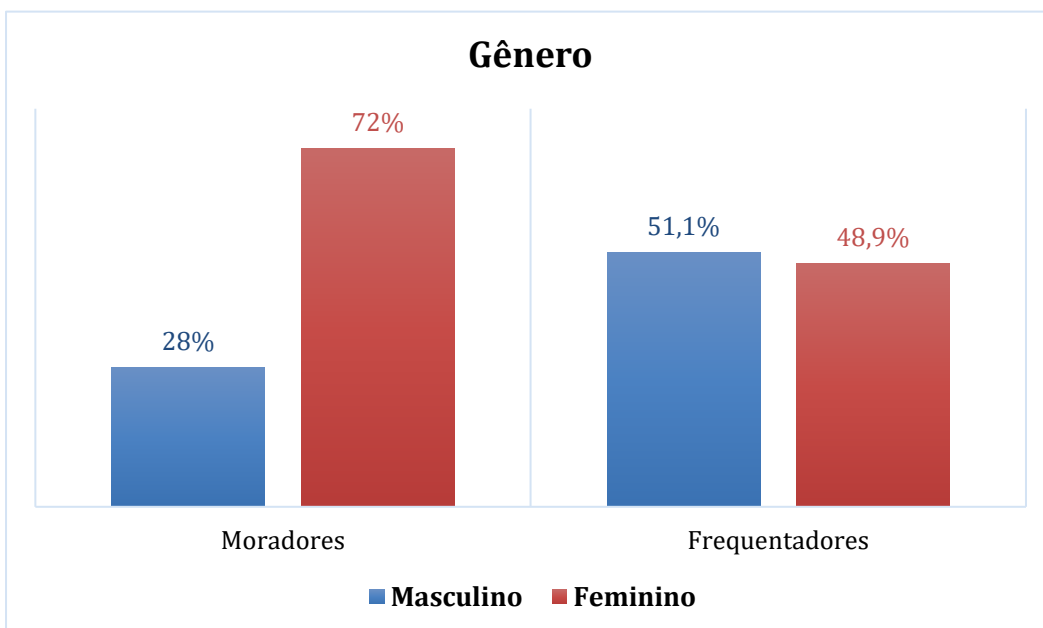


Figura 4 - Gênero dos participantes. Elaboração: Matheus Signori.

Embora as diferenças entre os gêneros não nos aponte para nenhuma conclusão aparente, é notável a diferença entre as faixas etárias dos dois grupos. Enquanto ambos são compostos predominantemente de adultos, entre os frequentadores, predominam adultos de uma faixa etária mais jovem, já nos moradores, temos adultos mais maduros.

A composição dessas faixas etárias entre os moradores apresenta bastante semelhança com os dados recolhidos pelos Censo Demográfico de 2010, que mostra que, no bairro, predominam adultos, mas também é significativa a presença de idosos.

Encontrar entre os frequentadores uma população com predomínio da faixa etária dos 20 aos 29 anos não é uma grande surpresa, uma vez que a boemia e a vida noturna é preferida por pessoas mais jovens, contudo, é importante trazer essa constatação.

Perguntamos aos moradores o tempo que residem no bairro. Verificamos que grande parte dos moradores já reside no bairro há mais de 10 anos, e uma pequena parcela reside há menos de 1 ano.

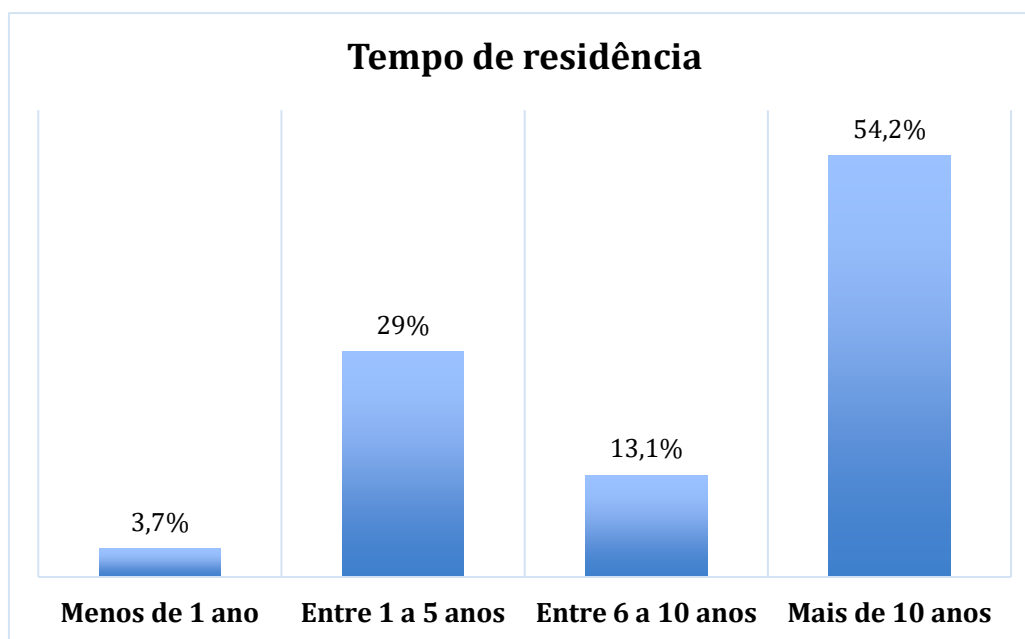


Figura 5 - Tempo de residência no bairro dos moradores. Elaboração: Matheus Signori.

Julgamos ser essa uma informação importante, pois o tempo em que uma pessoa reside no local influencia também na maneira que vive e pensa aquele local. O fato da maioria dos moradores residir há um tempo considerável no bairro pode torná-los mais experientados no conflito, com uma leitura mais clara e solidifica sobre o mesmo.

Entre os frequentadores do bairro, predominam as pessoas que residem nas imediações do bairro, com grande destaque para residentes do bairro Centro Histórico (27) e Menino Deus (12). Contudo, verificamos que há, também, entre os frequentadores, pessoas que residem em bairros distantes da Cidade Baixa, com destaque para o bairro Tristeza (7), na zona sul de Porto Alegre. Também é representativa a população de frequentadores dos bairros Partenon (9), Petrópolis (6), Santana (5), e São João (4).

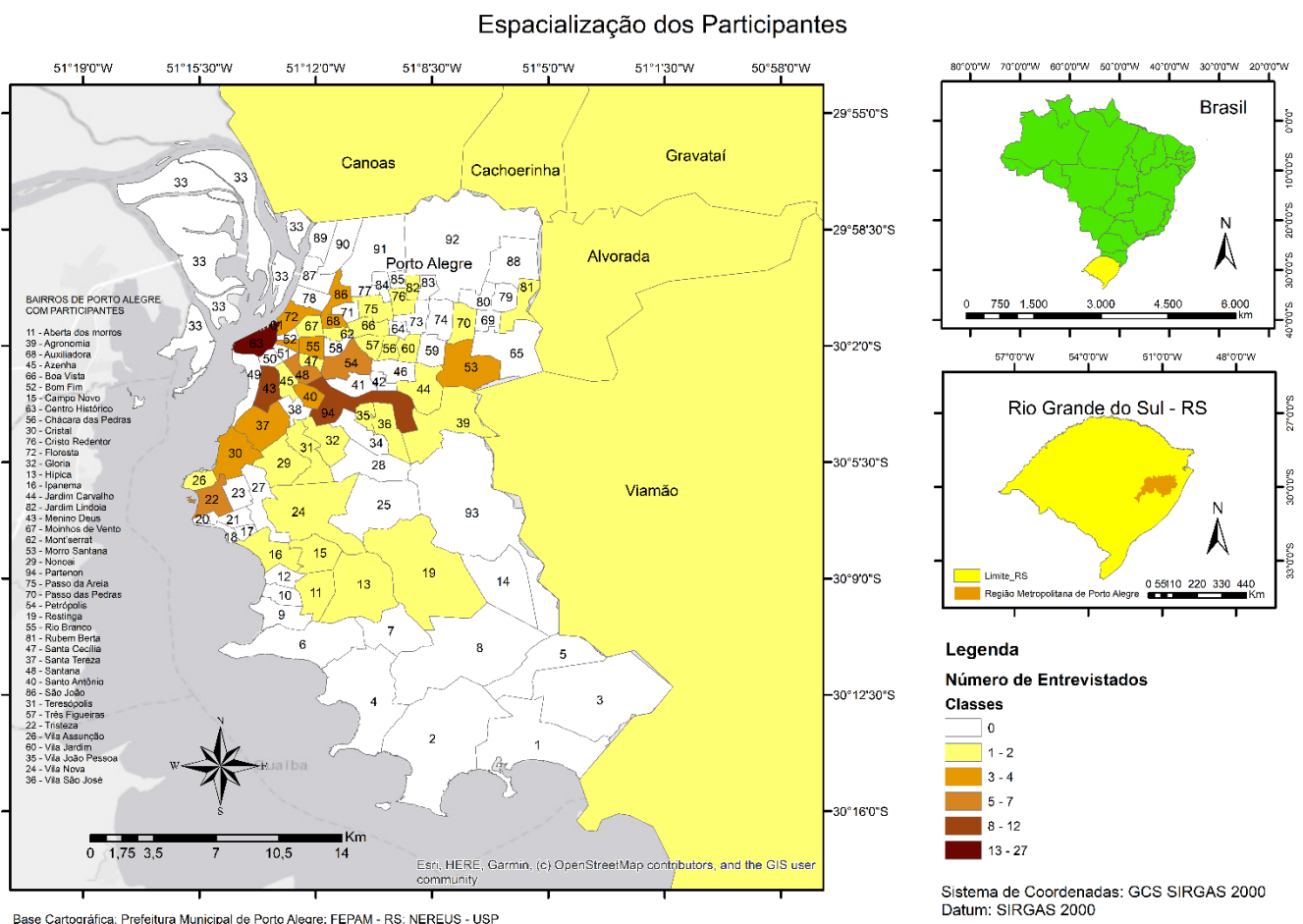


Figura 6 – Mapa de espacialização dos frequentadores. Elaboração: Matheus Signori e Alexandre Wentz.

Também tivemos cinco participantes que residem na Região Metropolitana de Porto Alegre, nas cidades de Alvorada, Cachoeirinha, Gravataí, Viamão e Canoas.

Isso nos leva a concluir que, em relação ao seu aspecto boêmio, o bairro apresenta uma área de influência grande, que polariza todo o município e, também, em menor intensidade, sua região metropolitana, ainda que existam nas demais zonas de Porto Alegre importantes áreas de boemia e de concentração da vida noturna.

Através desses resultados, duas hipóteses podem ser levantadas:

- as pessoas preferem se deslocar por longos trajetos para vir ao bairro exclusivamente em função de sua vida noturna, ou;

- frequentam-no por se situar próximo à região central de Porto Alegre, como conveniência à momentos que se deslocam para o centro de Porto Alegre ou em seus arredores, pois essa área é o grande centro político, administrativo e econômico da metrópole e do estado, fazendo com que diariamente um grande fluxo de pessoas se desloque para lá.

4.2 Usos e práticas do bairro entre os grupos

Analisaremos agora o que as respostas obtidas nos mostram sobre as práticas e dos usos do espaço pelos dois grupos.

Sabemos que, aos moradores, cabe como principal uso do espaço o uso residencial. Contudo, como temos como foco no trabalho o período noturno do bairro, haja visto que esse é o momento em que costumam ocorrer os conflitos, perguntamos aos moradores se costumam utilizar essa infraestrutura de lazer e de boemia noturna existente no bairro. Grande parcela respondeu que sim, costuma utilizar frequentemente. Também foi representativa a parcela que utiliza parcialmente, e uma pequena parcela que não costuma ou que costuma utilizar muito pouco.

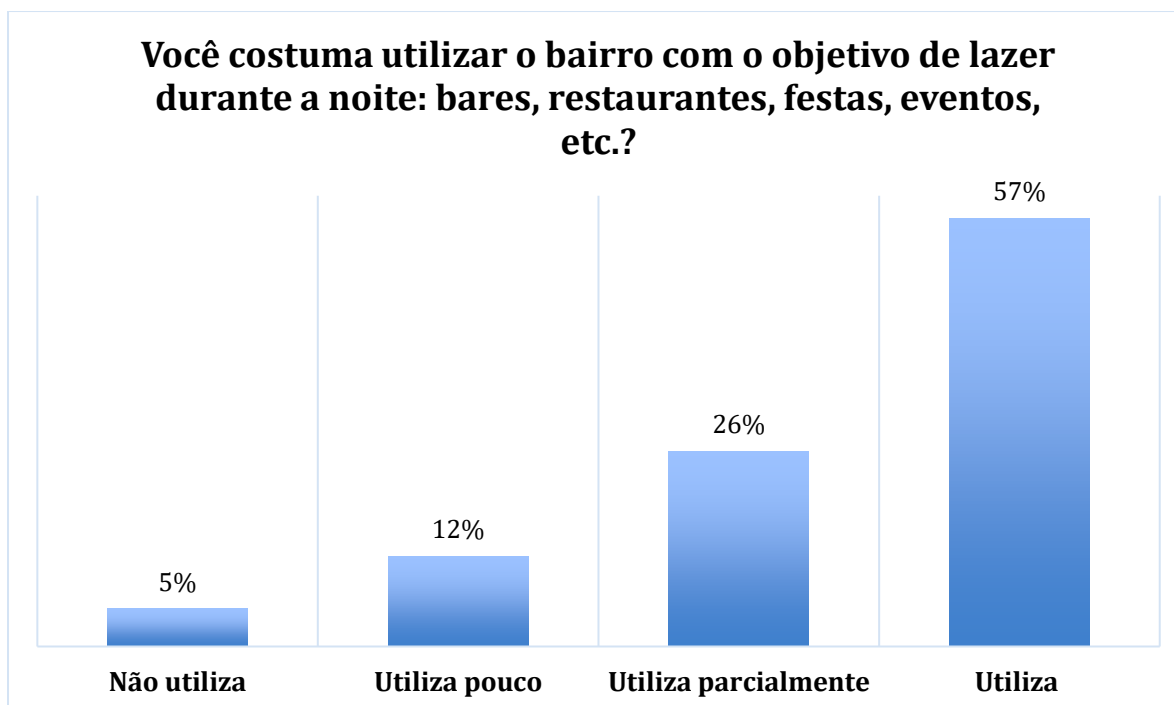


Figura 7 - frequência de utilização dos moradores à infraestrutura presente na vida noturna do bairro.
Elaboração: Matheus Signori

Esperava-se encontrar uma pequena parcela dos moradores utilizando a boemia do bairro. Isso indica que há uma certa convergência entre os usos, uma vez que boa parte dos moradores também são, de certa forma, frequentadores da boemia local.

Aos frequentadores do bairro, inferimos que não tem, como prática, o aspecto residencial. Dessa forma, atribuem ao bairro diferentes usos. Para identificá-los, perguntamos o que costumam fazer, deixando as respostas abertas, pois entendemos que são muito dinâmicas e individuais. Obtivemos uma grande variedade nas respostas, mas o grande predomínio esteve nas categorias “ir aos bares e restaurantes”, “beber”, “comer”, “socializar”, “encontrar com os amigos”. Ainda, em menor quantidade, “ver shows de música ao vivo”, “dançar”, “fumar”, “ver eventos públicos”, e, também “trabalhar”. Pode-se verificar que às práticas mais relacionadas à cultura foram pouco incluídas, estando apenas “ver shows de música ao vivo” em um segundo plano, sendo o caráter de encontro social é muito mais presente.

Também perguntamos aos frequentadores sobre os locais que costumam frequentar. Há amplo predomínio da categoria de bares e restaurantes sobre as casas de festas e os espaços públicos.

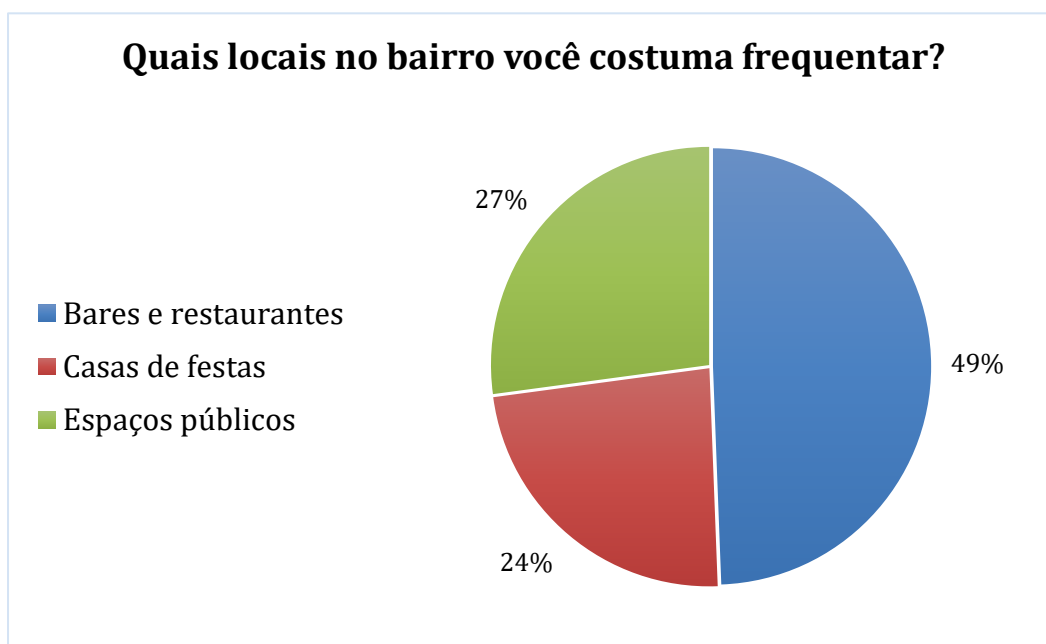


Figura 8 - Locais utilizados pelos frequentadores do bairro. Elaboração: Matheus Signori.

Embora apresente bastante casas de festas, cerca de metade dos frequentadores não costuma ir nesses locais, assim como nos espaços públicos. Isso também mostra que, embora ainda muito se veja o espaço público sendo ocupado no bairro, e este sendo um dos grandes focos de conflito, boa parte dos entrevistados que frequenta o bairro relatou não frequentar os espaços públicos.

A periodicidade na qual os entrevistados frequentam o bairro foi bastante distribuída entre os grupos, mas se apresentou relativamente alta, com predomínio da categoria entre duas e três vezes ao mês.

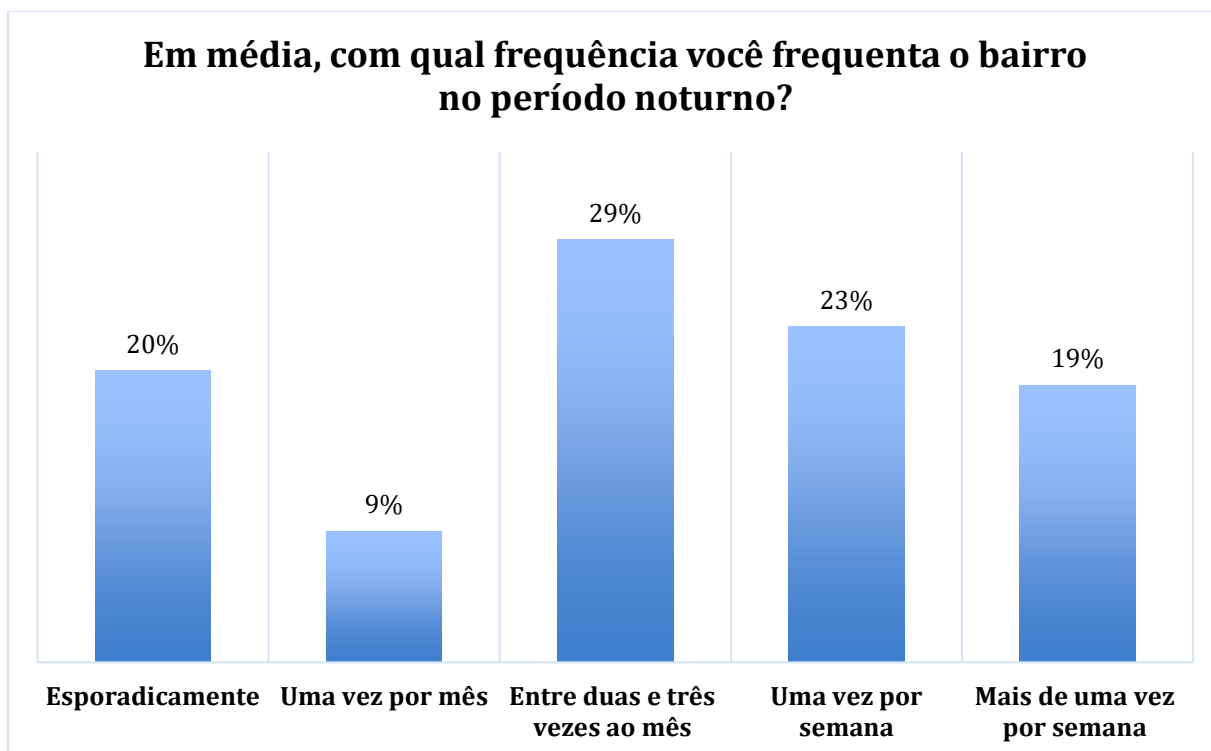


Figura 9 - Periodicidade de frequência no bairro. Elaboração: Matheus Signori.

4.3 Percepções sobre o bairro

Sabemos que a Cidade Baixa é, sem dúvidas, um bairro que possui um forte componente histórico ligado à boemia e à vida noturna, que contribuíram para moldar o que o bairro é na atualidade. Trabalhamos essa ideia no segundo capítulo do trabalho. Entendemos que essa conexão explica boa parte da organização espacial do bairro e os conflitos, e pode contribuir ao entendimento do fenômeno.

Contudo, muitas pessoas talvez desconheçam essa parte da história, e não entenda como se manifesta a relação que há entre do passado com o presente no bairro.

Por isso, antes de partirmos para a análise concreta do conflito, perguntamos aos participantes se identificam a Cidade Baixa como um local histórico de boemia, lazer, cultura e sociabilização durante o período noturno.

A grande maioria, tanto de moradores, quanto de frequentadores, respondeu que identifica.

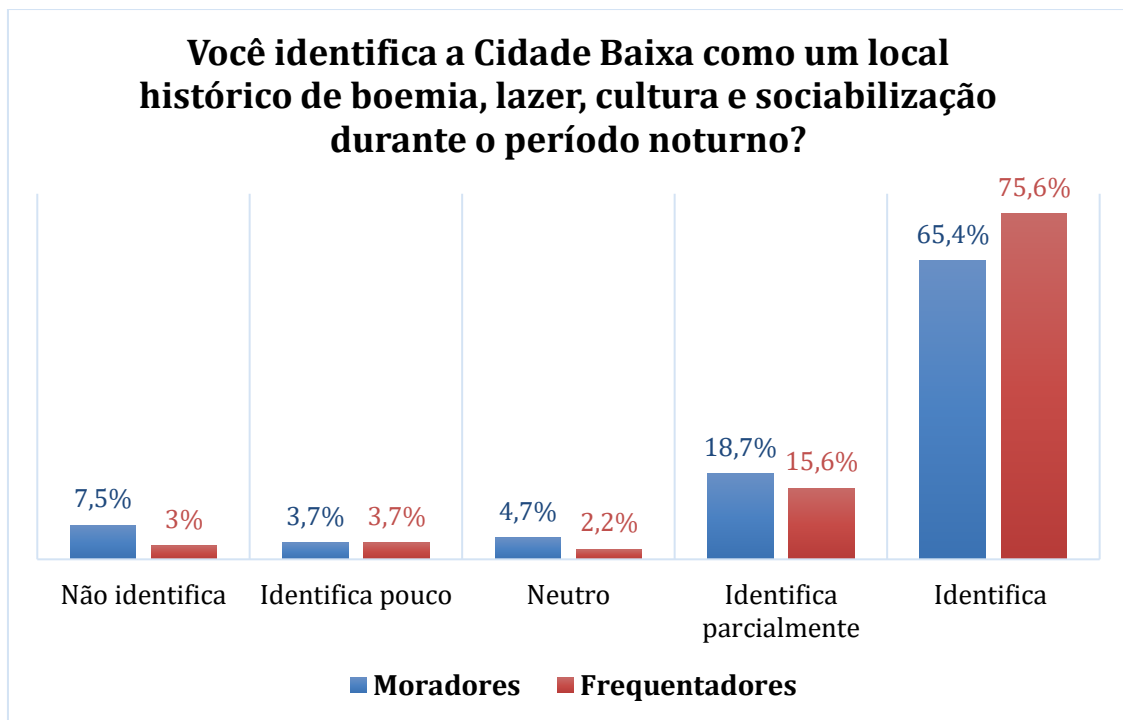


Figura 10 - Identificação do bairro como local historicamente boêmio. Elaboração: Matheus Signori

Uma minúscula parcela não identifica, ou identifica parcialmente. Verifica-se, também, que mais moradores do que de frequentadores responderam que não identificam. O que é curioso, uma vez que supõe-se que os moradores de um bairro saibam mais sobre a sua história do que pessoas que não residem ali. Ainda assim, é uma minoria.

Novamente, vemos que há uma importante convergência entre os dois grupos, desta vez, na sua interpretação do espaço.

O fato dos dois grupos terem, em sua maioria, essa compreensão, é importante, pois pode indicar que serão mais abertos à aceitação do movimento noturno do bairro na atualidade, uma vez que essa é uma característica histórica sua.

4.4 Percepções sobre o conflito

Partindo para a análise prática do conflito, iniciamos a discussão perguntando aos moradores se já haviam se incomodado com os frequentadores do bairro, seja em espaços privados ou na rua.

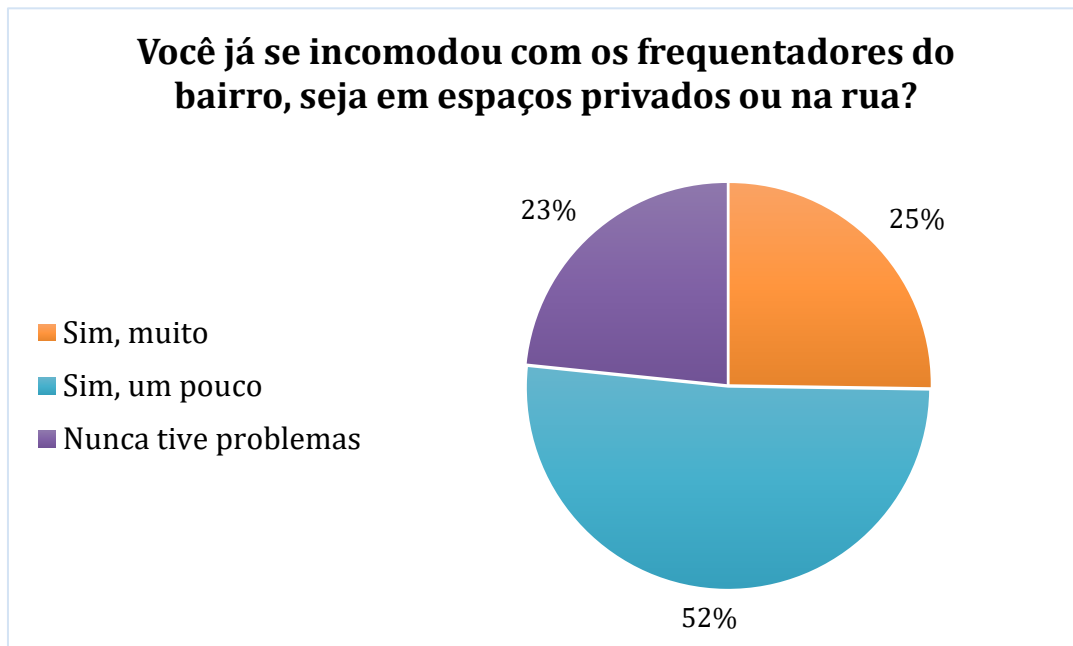


Figura 11 - Incômodo dos moradores com os frequentadores do bairro. Elaboração: Matheus Signori

Aproximadamente 2/3 dos entrevistados relatou que sim, já teve problemas. A quantidade de moradores que relatou não ter tido problemas também é considerável, um número acima das expectativas.

Aos que relataram problemas, 43% já pensou, inclusive, em se mudar do bairro em razão destes problemas, o que revela seu descontentamento com a situação.

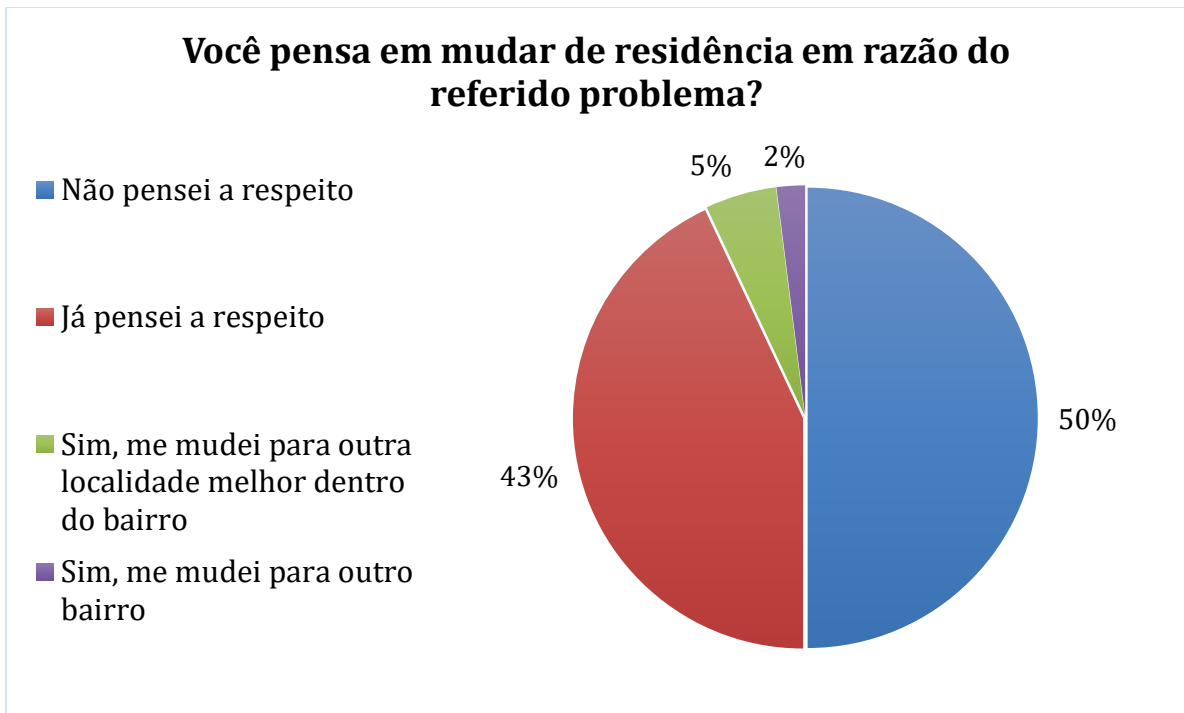


Figura 12 - Moradores que já pensaram em se mudar do bairro devido aos problemas no período noturno.
Elaboração: Matheus Signori

A seguir, questionamos quais são os principais pontos de conflito na sua percepção, com a opção de marcar mais de uma única categoria.

“Lixo e sujeira” é, de longe, o principal problema apontado: 89% dos moradores relataram isso. “Roubos e assaltos” são o segundo principal problema na visão dos moradores. Esse problema é reforçado com 52,2% também apontando que se incomodam “uso e tráfico de drogas”, uma vez que ambas as práticas costumam estar relacionadas. Barulho e depredações do patrimônio público e privado apresentaram uma taxa menor, mas também são representativos.

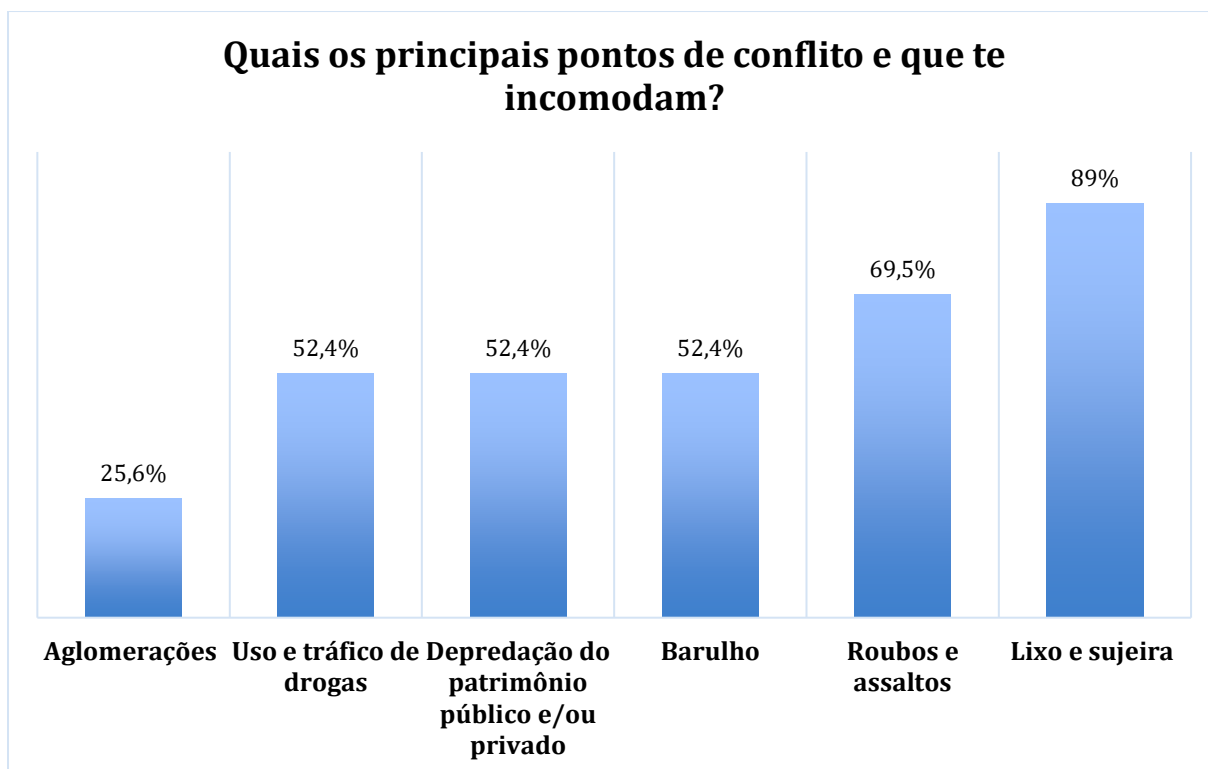


Figura 13 - Principais problemas identificados pelos moradores. Elaboração: Matheus Signori

Além das categorias propostas, também foi acrescentado pelos entrevistados a “venda e consumo de álcool por menores de idade”.

Ainda seguindo na esteira dos problemas, os moradores enxergam como resoluções ao problema, principalmente, as boas práticas dos frequentadores (70,7%) e o controle da sujeira (67,1)%, o que vai ao encontro com o que consideram também como principal ponto de conflito. Fechamento de bares e ações de dispersão do movimento, duas abordagens que são periodicamente realizadas pelo poder público, não apresentaram muita concordância dos moradores.

Como você acha que a situação pode ser resolvida ou amenizada?

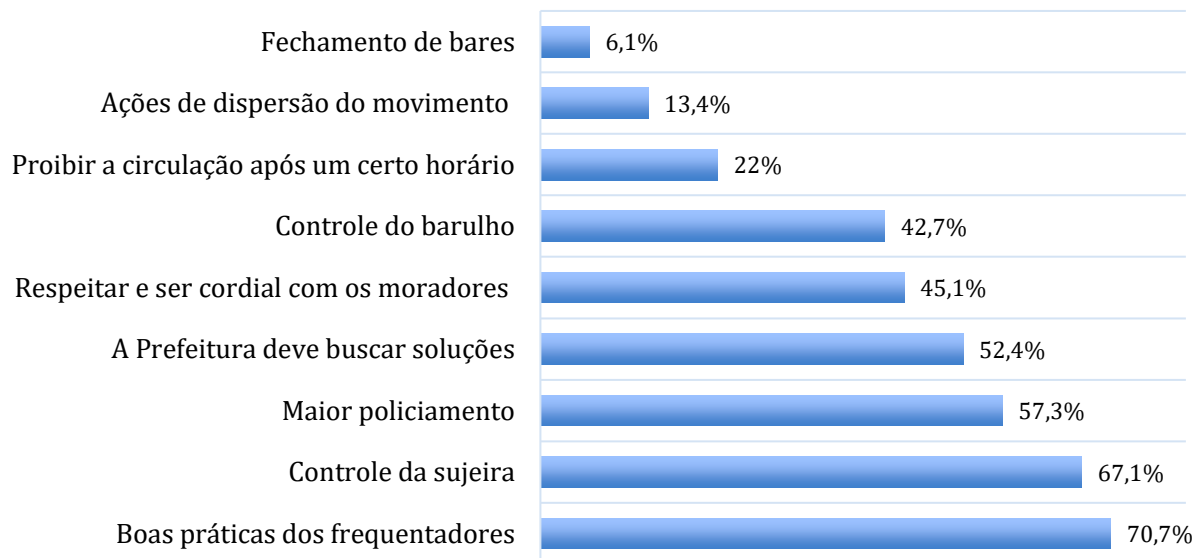


Figura 14 - Pontos de resolução dos problemas segundo os moradores. Elaboração: Matheus Signori.

Entretanto, não é unânime, entre os frequentadores, a opinião de que os moradores possuem razão em suas críticas. Apesar da maior parcela (36,3%) dos frequentadores concordar que estes moradores possuem razão em suas críticas, é considerável a parcela que discorda ou discorda em parte. É claro que isso não invalida a visão dos moradores, uma vez que são estes que sofrem diretamente com o problema, e, por isso, possuem mais propriedade para discorrer sobre ele. Mas isso revela como uma parcela dos frequentadores ou desconhece a existência de conflitos, ou desqualifica-os.

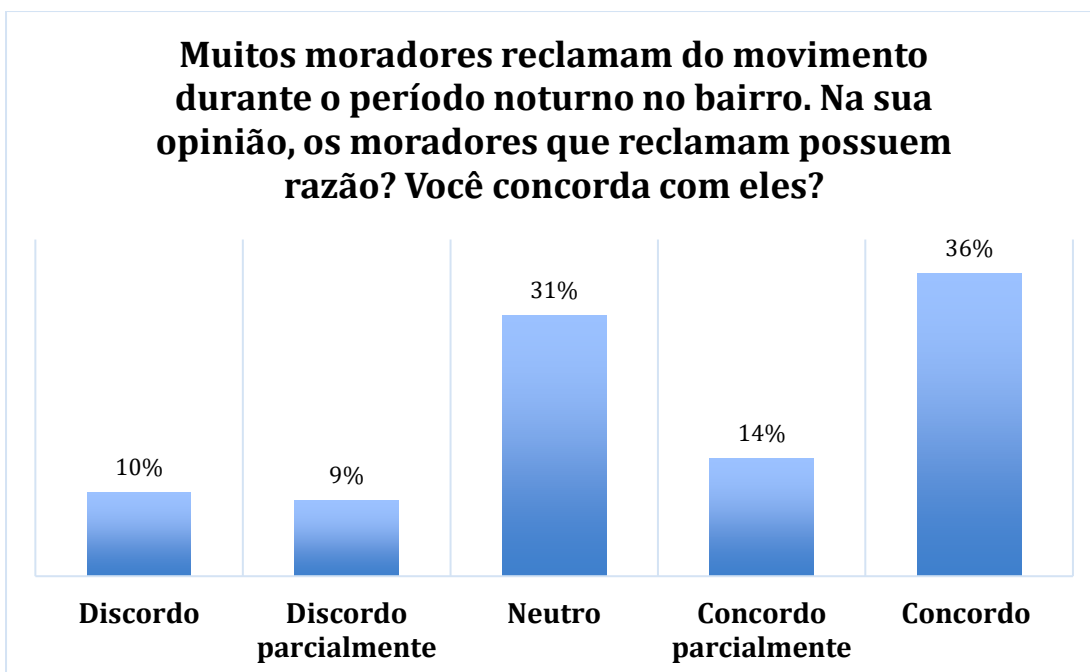


Figura 15 - Concordância dos frequentadores em relação às críticas dos moradores. Elaboração: Matheus Signori

Soma-se à isso o fato de que a maioria dos frequentadores relatou não ter se envolvido em conflito com os moradores.

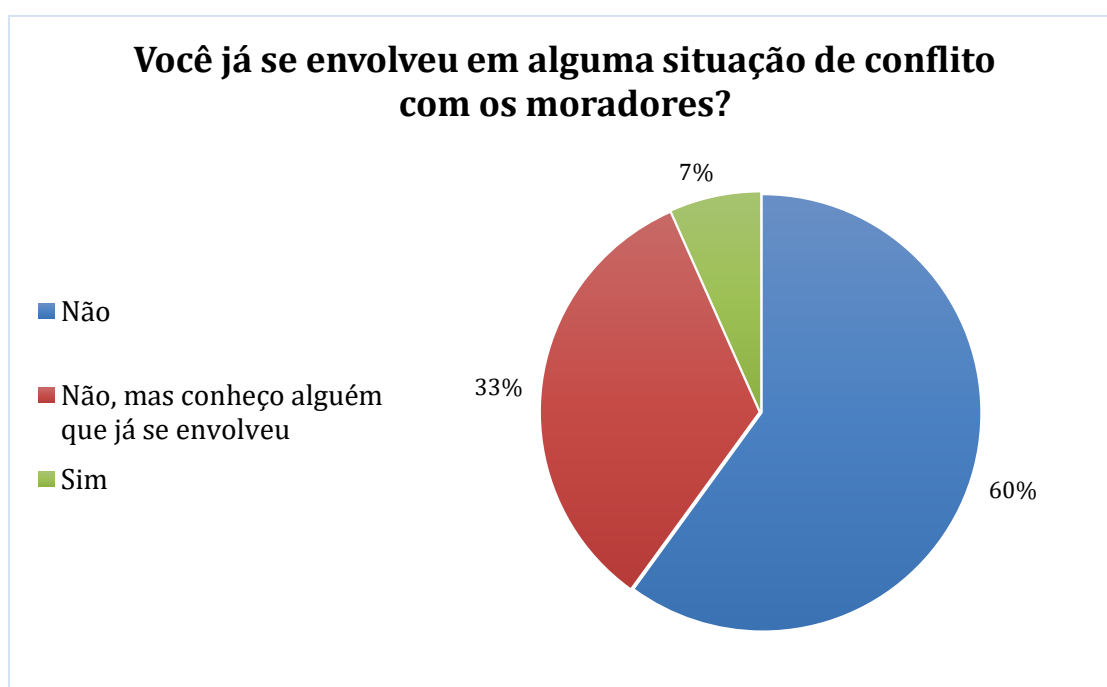


Figura 16 - Quantidade de frequentadores que já se envolveram em situações de conflito com os moradores.

Sobre esse ponto, podemos também supor que as percepções entre os grupos acerca do conflito podem ser diferentes, pois, muitas vezes, os frequentadores podem não perceber quando fazem algo de desagradado aos moradores, sobretudo em relação ao lixo e sujeira, coisas que passam despercebidas mas que são o principal ponto de conflito na visão dos moradores.

O lado bom é que também a grande maioria dos frequentadores acredita que essa situação conflituosa pode ser resolvida, com somente 8% opinando que não há resolução ao problema.



Figura 17 - Opiniões dos frequentadores acerca da existência de resolução do conflito. Elaboração: Matheus Signori.

Aos frequentadores que concordam que há resolução, ou que há resolução em parte, perguntamos como acham que a situação pode ser resolvida ou amenizada. Indo de encontro com a visão dos moradores, "boas práticas dos frequentadores acerca do problema" e "redução do lixo e da sujeira" são as duas principais categorias.

Como você acha que a situação pode ser resolvida ou amenizada?

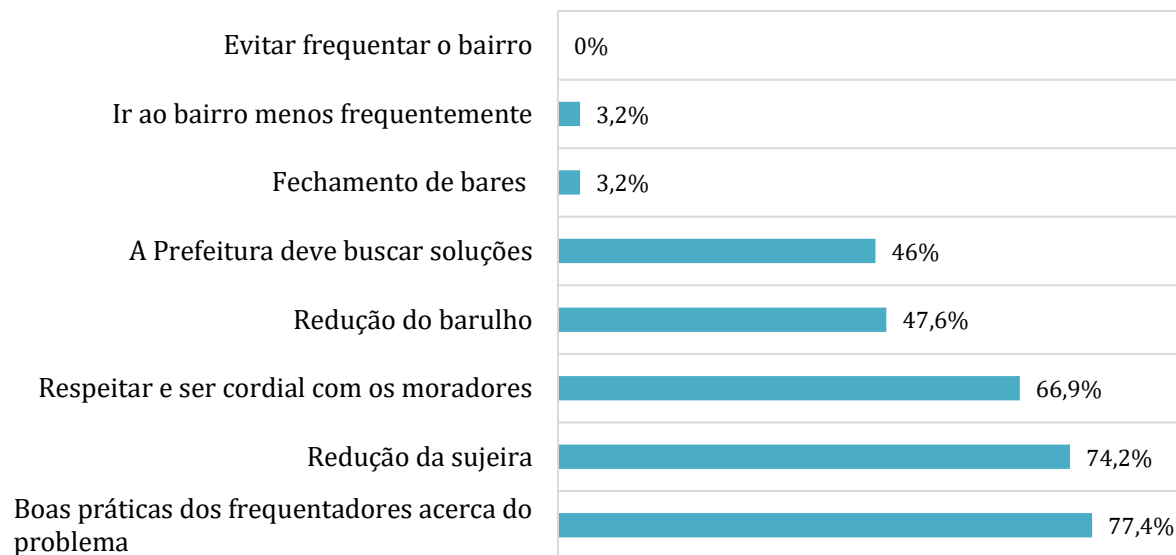


Figura 18 - Categorias apontadas pelos frequentadores como resolução ao conflito. Elaboração: Matheus Signori.

. No geral, as respostas sobre a resolução do conflito apresentaram-se muito semelhantes entre os dois grupos. Cabe destacar que as categorias “proibir a circulação após um certo horário” e “fechamento de bares” apresentaram-se, ambas, maiores entre os moradores do que entre os frequentadores.

Os frequentadores também manifestaram livremente outras resoluções e opiniões interessantes sobre o tema, como as seguintes:

- “Maior quantidade de fiscalizadores, quanto barulho e sujeira nos pontos de pico, com autoridade suficiente para cordialmente instruir melhor comportamento ou multa, se necessário”.

- “Melhorar segurança através de iluminação pública e iniciativas conjuntas de controle de ruídos e sujeira”.

- “A questão está na educação dos frequentadores, que podem ser mais ou menos barulhentos, fazer mais ou menos sujeira. Claro que campanhas de conscientização sempre ajudam, mas nem todas as pessoas se sensibilizam”.

- “Deve haver fiscalização e incentivo para descentralização de atividades abertas.”

Vemos entre essas respostas que a ação da Prefeitura como agente fiscalizador do espaço e mantedor da ordem. A ideia de descentralização das atividades abertas é muito interessante e já recorrente no debate público, não somente das atividades abertas mas da vida noturna como um todo. Porto Alegre tem na Cidade Baixa essa grande concentração da vida noturna, que só se encontra de forma semelhante nos arredores da rua Padre Chagas.

Também são pertinentes as manifestações dos frequentadores de que o bairro é boêmio e os moradores deveriam adequar-se a essa realidade:

- “Regulamentar horário de uso de espaços públicos (mesas em passeio público) e aumentar os serviços de limpeza, já que é um bairro boêmio”

- “Infelizmente é um local boêmio, então quem escolhe morar lá deveria já saber disso”.

- O bairro sempre foi boêmio, se não está feliz, mude-se.

- “Os moradores precisam entender que moram em um bairro com muitos bares e festas, estando propensos a ter esse tipo de "problema", a solução seria morar em bairros que supram as suas expectativas”.

Como fechamento do nosso questionário, perguntamos qual dos lados os entrevistados escolheriam. A pergunta foi estruturada propositalmente de forma rasa e superficial, com o intuito de entender o posicionamento dos entrevistados em um caso hipotético que pudessem fazer essa decisão.

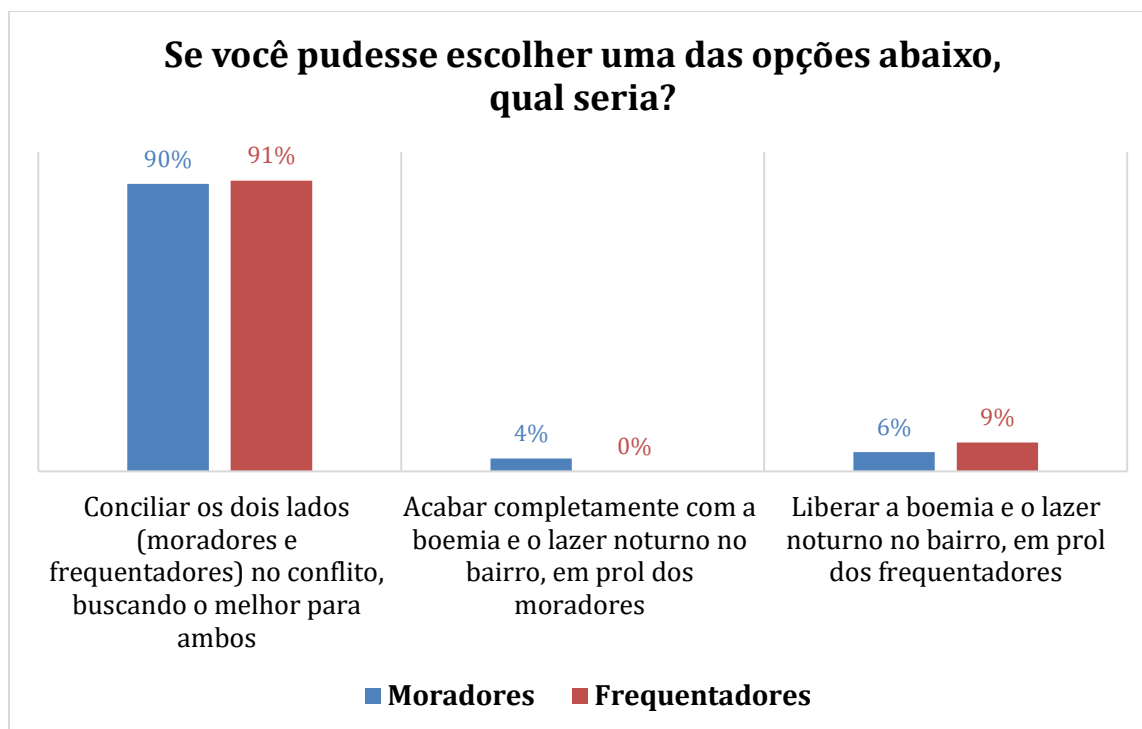


Figura 19 - Preferência dos entrevistados a respeito do conflito segundo as três opções apresentadas.
Elaboração: Matheus Signori

Verificamos que 4% dos moradores são favoráveis à acabar completamente com a boemia e o lazer noturno no bairro em benefício próprio, enquanto nenhum dos frequentadores concorda com isso. Também verificou-se que uma quantidade maior de frequentadores é favorável a liberar a boemia e o lazer noturno no bairro, em benefício próprio. Ainda, números praticamente semelhantes concordam que deve-se conciliar os dois lados no conflito.

4.5 Conjugação de dados e análises

Apesar das diferenças demográficas nos perfis, obtivemos, num geral, muito mais semelhanças do que diferenças nas respostas dos entrevistados dos dois grupos.

Na questão dos usos, mais de dois terços dos moradores relataram frequentar o espaço noturno do bairro. Os frequentadores revelaram uma frequência média para alta de uso do bairro. Suas práticas são diversas, mas majoritariamente relacionadas à sociabilização e lazer.

A identificação histórica do bairro como local de boemia, lazer, cultura e sociabilização foi, também, muito semelhante entre os grupos.

Já nos pontos relacionados ao conflito, verifica-se que a maioria dos moradores identifica neste um problema, e boa parte já pensou em se mudar devido à isto, reiterando a existência de um conflito.

Entre os frequentadores, é menor a existência daqueles que entendem a situação como conflituosa. Esse se apresenta como sendo o ponto de maior divergências na respostas.

O item relativo a geração de lixo e sujeira é o ponto mais apontados como problemáticos pelos dois grupos, junto com as “boas práticas dos frequentadores” sendo o ponto de resolução mais apontado dentre os demais.

Por fim, ambos grupos mostraram-se abertos à conciliação do conflito. Contudo, há uma minoria, entre os moradores, que se mostrou intransigente com relação à boemia do bairro, da mesma forma que uma minoria entre os frequentadores não valida as críticas feitas pelos moradores.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho buscou ampliar a compreensão sobre o bairro Cidade Baixa, com foco nos conflitos entre frequentadores e moradores durante o período noturno.

Nos capítulos iniciais do trabalho conseguimos analisar como a cidade de Porto Alegre cresceu e se desenvolveu tendo na Cidade Baixa um de seus embriões de cultura, lazer, sociabilização, sobretudo no período noturno.

Lar de ex-escravos e imigrantes, o bairro possui, em sua essência, forte componente popular. Assim, ao mesmo tempo que foi visto como uma área de vivências e boemia, foi alvo de investidas do poder público e das mídias em geral.

Com o crescimento e desenvolvimento da cidade, o bairro passou por uma significativa mudança demográfica, mas sua característica originária permaneceu,

com boa parte da população reconhecendo essa história e usufruindo de seu espaço com este fim, como foi examinado pelo questionário.

As investidas continuaram, mas tomaram novos contornos, na medida em que o conflito se tornou público, com manifestações dos moradores para que medidas sejam tomadas frente à boemia do bairro.

Esperava-se obter opiniões bastante divergentes entre os moradores e os frequentadores, em relação à grande maioria dos pontos, com mais moradores insatisfeitos e tensionando para o fim da boemia, junto com mais frequentadores comprando a briga com os moradores.

O que obtemos como resultado foi uma melhor compreensão sobre os dois grupos sobre o conflito e sobre os principais pontos de tensão. A resposta geral foi positiva, com ambos os lados cientes do problema e dispostos a solucioná-lo, compreendendo a relevância histórica e presente que o bairro tem para ambos.

Contudo, é claro que existem divergências entre os dois grupos e ambos inserem-se com intenções e visões diferentes a respeito do fenômeno. Por isso, nos é possível traçar um paralelo entre estes e os conceitos de Gomes, utilizados como referência nesse trabalho: nomoespaço e do genoespaço.

Enquanto o aspecto imobiliário, residencial, é “um espaço instituído e regido por lei, marcado por princípios logicamente justificados e marcado por relações formais” – características do nomoespaço -, verifica-se também, em menor proporção, que a manutenção dessa característica residencial do bairro é “objeto de uma disputa pela afirmação de um poder hegemônico de uma comunidade que se julga pela força, tradição ou história, mais apta a controlar um território ou simplesmente proclamar, por razões diversas, que está destinada a fazê-lo” – características do genoespaço.

Já entre os frequentadores, vemos que o fato de identificarem o bairro como um local histórico de lazer e do encontro público, com uma significativa parcela do grupo que não entende a existência de um conflito no bairro, nos leva a traçar um paralelo forte com o genoespaço. Esses aspectos mostram que os frequentadores tem entre si a característica de ser um grupo “marcado por uma identidade comunitária comum e própria, com o sentimento de pertencimento, uma sensação

de natureza compartilhada, de unidade plural, que possibilita e dá forma e consistência à própria existência”. Da mesma forma, também buscam defender seus interesses, através de uma disputa com base na tradição ou na história.

Dessa forma, identifico que há uma característica preponderante dos moradores com o nomoespaço, mas muito mais marcante dos frequentadores com o genoespaço. Também entendo que há uma pequena característica dos moradores relacionada com o nomoespaço.

Como acréscimos à uma pesquisa mais aprofundada, seria pertinente também se tivéssemos feito uma análise socioeconômica dos participantes, buscando compará-los, mas, a julgar pelo caráter pessoal e íntimo, muitas pessoas não se sentem confortáveis em revelar tais informações.

Também poder-se-ia ter feito uma análise mais aprofundada a respeito das questões simbólicas e identitárias que moradores e frequentadores associam ao bairro, pois a parte imaginária determina também a prática, a construção e a organização do bairro.

Vimos que uma grande parte de pessoas de locais distantes frequentam o bairro, isso também abre margem para que esse aspecto seja aprofundado, avaliando entre os frequentadores quais são os atrativos que o bairro possui para eles. Isso poderia incentivar ações tanto de melhoria do espaço quanto da organização de novos polos de boemia e da vida noturna na cidade.

Porém, estes aspectos não foram coletados, pois estabelecemos como foco desse trabalho o conflito em sua parte prática, naquilo que se apresenta como manifesto e de maior urgência.

Entendemos, ainda, que para melhor pensar o espaço e organizá-lo, dever-se-ia buscar um conjunto amostral mais amplo e, também, inserindo novos agentes na perspectiva, como a da Administração Pública, na imagem da prefeitura e de seus órgãos administrativos.

Por fim, o trabalho permite afirmar que, a despeito dos conflitos, a resolução não aparenta ser complexa e apresenta-se apenas benéfica, na medida em que

pode contribuir para fortalecer o exercício da cidadania e para o bem estar da população, tornando a cidade mais justa e democrática.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O Espaço Urbano: Novos Escritos sobre a Cidade**. São Paulo: FFLCH, 2007.

CORRÊA, R. L. **O espaço urbano**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2005.

FONSECA, Luciana Marson. **Dois rumos na noite de Porto Alegre Dinâmica socioespacial e lazer noturno nos bairros Cidade Baixa e Moinhos de Vento**. 2006. 221 f. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: *La production de l'espace*. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). 2006

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **A condição urbana: ensaios de geopolítica da Cidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

PESAVENTO, Sandra Jatáhy. **Lugares malditos: a cidade do "outro" no Sul brasileiro (Porto Alegre, passagem do século XIX ao século XX)**. Revista brasileira de história. São Paulo. Vol. 19, n. 37. 1999

RESSI, Vanessi. **Da Baixa Boemia à Baixa Cidade: Limites do Bairro Cidade Baixa no Imaginário Urbano de Porto Alegre**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional como requisito para obtenção do título de Mestre na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na linha de Cidade, Cultura e Política. 2018

RESSI, Vanessi. **Do Bom Fim à Cidade Baixa: O Uso dos Espaços de Lazer Noturno (1964 – 2006)**. Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 2013

ROSA, Marcus Vinicius de Freitas. **Além da Invisibilidade: História Social do Racismo em Porto Alegre Durante o Pós-Abolição (1884 – 1918)**. Tese de

Doutorado apresentada ao Departamento de História, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Estadual de Campinas. 2014

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4ª Edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 4ª ed., 1996.

7. APÊNDICE

Apêndice A – Questionário para os moradores

- Qual sua idade?
- Qual seu gênero?
- Há quanto tempo você mora no bairro?
- Você identifica a Cidade Baixa como um local histórico de boemia, lazer, cultura e sociabilização durante o período noturno?
- Você costuma utilizar o bairro com o objetivo de lazer durante a noite: bares, restaurantes, festas, eventos, etc.? (se você deixou de frequentar o bairro em decorrência da pandemia, considere o período anterior à pandemia como referência)
- Muitos moradores reclamam do movimento durante o período noturno no bairro, principalmente em relação ao barulho e a sujeira. Você já se incomodou com os frequentadores do bairro, seja em espaços privados ou na rua?
- Você pensa em mudar de residência em razão do referido problema?
- Na sua visão, quais os principais pontos de conflito e que te incomodam?
- Como você acha que a situação pode ser resolvida ou amenizada?
- Se você pudesse escolher uma das opções abaixo, qual seria?

Apêndice B – Questionário para os frequentadores

- Qual sua idade?
- Qual seu gênero?
- Em qual bairro você reside?
- Em média, com qual frequência você frequenta o bairro no período noturno?
- Quais locais no bairro você costuma frequentar?
- O que você costuma fazer?
- Você identifica a Cidade Baixa como um local histórico de boemia, lazer, cultura e sociabilização durante o período noturno?
- Muitos moradores reclamam do movimento durante o período noturno no bairro, principalmente em relação ao barulho e a sujeira. Na sua opinião, os moradores que reclamam possuem razão? Você concorda com eles?
- Você já se envolveu em alguma situação de conflito com os moradores?
- Você acha que essa situação conflituosa pode ser resolvida?
- Como você acha que a situação pode ser resolvida ou amenizada?
- Se você pudesse escolher uma das opções abaixo, qual seria?